

20  
26

# L A A F

LISBON ART &  
ANTIQUES FAIR

20  
26

LAAF

LISBON ART &  
ANTIQUES FAIR

Sob o Alto Patrocínio de Sua Excelência, o Presidente da República,  
Professor Doutor António José Seguro.

20  
26

# LAAF

## LISBON ART & ANTIQUES FAIR

9 a 17 de Maio, 2026

**CORDOARIA NACIONAL**  
Avenida da Índia, 1300 Lisboa



Todas as peças presentes nesta Feira foram sujeitas a peritagem prévia por entidades idóneas e independentes, de reconhecida competência.

Todos os objectos são vendidos sob a responsabilidade exclusiva dos expositores que deverão dar certificados de autenticidade, caso os clientes o solicitem.

A descrição das peças reproduzidas neste catálogo é da exclusiva responsabilidade dos expositores.

Associação Portuguesa de Antiquários  
[www.apa.pt](http://www.apa.pt)



## ÍNDICE

- |    |   |     |   |
|----|---|-----|---|
| 8  | <b>Bem vindos à 23ª edição da LAAF — Lisbon Art and Antiques Fair</b><br>Isabel Lopes da Silva                                      | 58  | <b>Galeria Ultramar</b>                                       |
| 11 | <b>A Fábrica Nacional de Cordoaria</b><br>Augusto António Alves Salgado   | 60  | <b>Carlos Carvalho Arte Contemporânea</b>                     |
| 13 | <b>Comissão de Honra</b>  | 62  | <b>Isabel Lopes da Silva</b>                                  |
| 15 | <b>Comissão Organizadora</b>  | 64  | <b>Luís Alegria</b>   |
| 17 | <b>Comissão de Peritagem</b>  | 66  | <b>Kukas</b>  |
| 19 | <b>Passado e presente, novos sentidos</b><br>Joana Sousa Monteiro   | 68  | <b>Tricana Galeria</b>  |
| 23 | <b>Algumas notas sobre o tempo, o colecionismo e a sustentabilidade</b><br>Adelaide Duarte  | 70  | <b>Manuela Verde Lírio</b>                                    |
| 27 | <b>Património e Colecionismo: o público e o privado na preservação e valorização da herança cultural</b><br>António Filipe Pimentel | 72  | <b>Ricardo Hogan Antiguidades</b>                             |
| 31 | <b>As coisas e o tempo</b><br>Bárbara Coutinho  | 74  | <b>Galeria da Arcada Antiguidades</b>                         |
| 35 | <b>A SNBA nos seus 125 anos: inovação e legado</b><br>João Paulo Queiroz  | 76  | <b>Objectismo</b>   |
| 36 | <b>Programação Paralela</b>   | 78  | <b>Achronima</b>  |
| 38 | <b>Lista de Expositores</b>   | 80  | <b>Arte em Acção</b>  |
| 40 | <b>Galeria Bessa Pereira — Lisboa   Milano</b>  | 82  | <b>Alexandra Matias Jewelry</b>                               |
| 42 | <b>Aristopassagem</b>   | 84  | <b>Trema Arte Contemporânea</b>                               |
| 44 | <b>J. Baptista</b>  | 86  | <b>Galeria Pedro Jaime Vasconcelos</b>                        |
| 46 | <b>José Sanina Antiquário</b>   | 88  | <b>d'Orey Azulejos e Antiguidades</b>                         |
| 48 | <b>Rota do Tempo — João Ramada Antiguidades</b>   | 90  | <b>António Costa Antiguidades</b>                             |
| 50 | <b>Espadim 1985</b>   | 92  | <b>Galeria São Mamede</b>                                     |
| 52 | <b>Joana Aranha — Architecture and Interiors</b>  | 94  | <b>Tomás Branquinho da Fonseca Antiques &amp; Art Gallery</b> |
| 54 | <b>Faria da Silva</b>   | 96  | <b>São Roque, Antiguidades e Galeria de Arte</b>              |
| 56 | <b>Galeria da Estrela</b>   | 98  | <b>OITOEMPONTO, Art &amp; Antiques</b>                        |
|    |   | 100 | <b>Rosior</b>   |
|    |   | 102 | <b>Miguel Arruda Antiguidades</b>                             |
|    |   | 104 | <b>Manuel Castilho</b>  |
|    |   | 106 | <b>Destaques</b>  |
|    |   | 119 | <b>Notas Biográficas</b>                                      |
|    |   | 126 | <b>Patrocínios e Parcerias</b>                                |
|    |   | 127 | <b>Ficha Técnica</b>  |



*Quinta da Fata*



# Bem-vindos

## À 23ª EDIÇÃO DA LAAF

## — *Lisbon Art & Antiques Fair*

É com grande satisfação que, em nome da Associação Portuguesa de Antiquários, vos dou as boas-vindas à 23ª edição da LAAF — Lisbon Art & Antiques Fair.

O mundo da arte tem vindo a transformar-se profundamente. As obras de arte e as antiguidades continuam, naturalmente, a despertar curiosidade e admiração — mas tornaram-se também algo mais: ativos cujo valor ultrapassa largamente o momento da sua criação. Hoje, cada vez mais os colecionadores, os investidores e as instituições reconhecem que a arte não é apenas um testemunho do passado; é também uma forma de olhar para o futuro.

Investir em arte significa investir em raridade, em conhecimento e em permanência. Ao contrário de muitos outros ativos, uma obra de arte não se limita a existir num balanço financeiro — vive num espaço, transforma um ambiente, gera conversa e atravessa gerações. O seu valor mede-se também em história e em significado.

A LAAF nasceu precisamente desta convicção: de que o património artístico merece ser apresentado com rigor, conhecimento e paixão. Aqui encontram-se especialistas, galeristas e antiquários que dedicam a sua vida a estudar, preservar e descobrir peças excecionais. Cada objeto presente nesta feira foi escolhido não apenas pela sua beleza, mas pela sua autenticidade, proveniência e lugar na História da Arte.

Num momento em que tantas tendências aparecem e desaparecem à velocidade de um clique, a arte oferece algo raro: tempo.

Uma peça de arte não perde relevância com as décadas; pelo contrário, ganha densidade, contexto e valor. É talvez por isso que tantos colecionadores começam por adquirir uma peça e, quase sem dar conta, acabam por iniciar uma coleção.

Esta Feira é, acima de tudo, um convite à descoberta — de obras notáveis, de novas perspetivas e, por vezes, de oportunidades de investimento que conjugam beleza e solidez patrimonial.

Em nome da Associação Portuguesa de Antiquários, deixo um agradecimento muito especial a todos os que contribuíram para tornar esta edição possível, desde a sua conceção e planeamento até à sua construção e concretização no espaço.

Manifestamos igualmente o nosso reconhecimento a Sua Excelência, o Presidente da República, Professor Doutor António José Seguro, pelo Alto Patrocínio concedido; à Marinha Portuguesa, pela colaboração e hospitalidade; à Câmara Municipal de Lisboa e ao Turismo de Lisboa, pelo apoio continuado; e às instituições culturais que conosco partilham o compromisso de valorizar e divulgar o património artístico — em particular ao Palácio Nacional da Ajuda e ao Museu Nacional de Arte Contemporânea.

Aos visitantes agradecemos a vossa presença que muito nos honra e contribui para o sucesso e consolidação da LAAF.

*Isabel Lopes da Silva, Presidente da Associação Portuguesa de Antiquários*



# *A Fábrica Nacional de Cordoaria*

Em 1770, António Baptista de Sá pediu autorização ao Marquês de Pombal para montar uma cordoaria que pudesse prover o Arsenal de Marinha, em Lisboa, das crescentes necessidades de cordame, muito do qual tinha de ser importado do exterior. A Fábrica Nacional de Cordoaria tornou-se, deste modo, a primeira unidade fabril de Lisboa, tendo a Praia da Junqueira sido o local escolhido para o início da sua atividade, inicialmente ainda a céu aberto. Só em 1783, por ordem de D. Maria I, se deu início à construção dos edifícios que vieram a constituir as instalações da então denominada Real Fábrica da Cordoaria. Ao longo de todo o século XIX, a Cordoaria passou por diversas etapas de prosperidade e recessão, tendo-se procedido, a partir de 1871, a uma reforma geral, com a introdução de nova maquinaria a vapor, o que levou à adoção de novas técnicas de fabrico. Deste modo, a Cordoaria tornou-se, na época, a maior instalação fabril do país a utilizar aquela nova energia motriz.

No século seguinte, a Cordoaria passará por várias modificações, entre as quais se destaca a introdução da eletricidade na alimentação das máquinas, e, em 1914, tornar-se-á uma das primeiras instalações fabris a receber energia elétrica em Portugal. A partir de 1974, e com o fim da Guerra em África, a produção sofrerá uma queda acentuada, cessando, em 1992, definitivamente, sua produção, deixando atrás de si um legado de mais de 200 anos, intimamente ligado à história marítima e industrial de Portugal.

Encerrada a sua atividade fabril, a Cordoaria passou a desempenhar uma nova função, recebendo algumas das mais importantes e icónicas exposições nacionais e internacionais realizadas em Lisboa, consolidando o seu papel como centro expositivo e de realização de diversas atividades artísticas e culturais. É neste contexto que a Fábrica Nacional de Cordoaria dá, novamente, as boas-vindas a mais uma edição da *Lisbon Art and Antiques Fair*, promovida pela Associação Portuguesa de Antiquários.

*Augusto António Alves Salgado, Capitão-de-mar-e-guerra,  
Diretor do Museu de Marinha*



## COMISSÃO DE HONRA

Sua Excelência o Presidente da República,  
**Dr. António José Seguro**

Sua Alteza Real,  
**Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança**

S. Ex.ª o Primeiro-Ministro,  
**Dr. Luís Montenegro**

S. Ex.ª a Ministra da Cultura, Juventude e Desporto,  
**Dr.ª Margarida Balseiro Lopes**

S. Ex.ª o Chefe do Estado-Maior da Armada,  
**Almirante Jorge Nobre de Sousa**

Ex.º Senhor Presidente da Câmara Municipal  
de Lisboa,  
**Eng. Carlos Moedas**

S. Ex.ª o Embaixador da Bulgária,  
**Embaixador Ivan Naydenov**

S. Ex.ª a Embaixadora do Canadá,  
**Embaixadora Elisa Racicot**

S. Ex.ª a Embaixadora do Chile,  
**Embaixadora Marina Teitelbim Farias**

S. Ex.ª a Embaixadora da Grécia,  
**Embaixadora Konstantina Kamitsi**

S. Ex.ª a Embaixadora da Hungria,  
**Embaixadora Emília Fábíán**

S. Ex.ª a Embaixadora de Malta,  
**Embaixadora Rosette Spiteri Cachia**

S. Ex.ª o Embaixador do Peru,  
**Embaixador Carlos Gil de Monte**

S. Ex.ª a Embaixadora da Polónia,  
**Embaixadora Dorota Barys**

S. Ex.ª a Embaixadora da República da Sérvia,  
**Embaixadora Ana Ilić**

S. Ex.ª o Embaixador da República Democrática  
de Timor-Leste,  
**Embaixador Manuel Serrano**

S. Ex.ª a Embaixadora do Uruguai,  
**Embaixadora Carolina Ache Batlle**

Presidente Nacional da Cruz Vermelha Portuguesa,  
**António Saraiva**

Diretor-Geral do Turismo de Lisboa,  
**António Valle**

Diretor-Geral da Cruz Vermelha Portuguesa,  
**Miguel Cardoso e Cunha**

Diretor Regional da Cultura  
da Região Autónoma da Madeira,  
**José Luís Medeiros Gaspar**

Presidente do Conselho de Administração  
Lisboa Cultura,  
**Pedro Moreira**

Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa,  
**Diogo Moura**

Conselheiro Cultural e Científico  
da Embaixada do Reino de Espanha,  
**Luis Prados Covarrubias**

Encarregado de Negócios a.i.  
da República Federal da Nigéria,  
**Haruna Musa**

Encarregado de Negócios a.i.  
do Grão-Ducado do Luxemburgo,  
**Joaquim Monteiro**

Adido Cultural da Embaixada de Itália /  
Instituto Italiano de Cultura,  
**Stefano Scaramuzzino**

Presidente do Conselho de Administração  
da Fundação Calouste Gulbenkian,  
**António Feijó**

Presidente da Fundação Champalimaud,  
**Maria Leonor Couceiro Pizarro Beleza  
Mendonça de Tavares**

Presidente do Conselho de Administração  
da Fundação Oriente,  
**Carlos Monjardino**

Presidente do Conselho de Administração  
da Fundação Millennium BCP,  
**António Monteiro**

Presidente da Fundação de Serralves,  
**Manuel Ferreira da Silva**

Presidente do Conselho de Administração  
do Centro Cultural de Belém,  
**Nuno Vassallo e Silva**

Presidente do Conselho de Administração  
da Fundação Arpad Szenes — Vieira da Silva,  
**António Gomes de Pinho**

Diretora da Fundação Medeiros e Almeida,  
**Maria Mayer**

Diretora do Museu Nacional de Arte Antiga,  
**Maria de Jesus Monge**

Diretora do Museu Nacional dos Coches  
e Picadeiro Real,  
**Rita Dargent**

Diretor do Palácio Nacional da Ajuda /  
Museu do Tesouro,  
**José Alberto Ribeiro**

Diretora do Museu Nacional de Arte  
Contemporânea / Museu do Chiado,  
**Filipa Oliveira**

Diretora do Museu Nacional Machado de Castro,  
**Sandra Costa Saldanha**

Diretora da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves,  
**Gabriela Perdigão Cavaco**

Diretor do Museu de Marinha,  
Capitão-de-mar-e-guerra  
**Augusto António Alves Salgado**

Diretora do Museu da Cidade,  
**Joana Sousa Monteiro**

Diretora do Museu do Oriente,  
**Graça Mendes Pinto Ludovice**

Diretora do Museu do Design e da Moda,  
**Bárbara Coutinho**

Diretora do Museu de Arte Contemporânea  
da Madeira (MUDAS),  
**Maria Márcia Freitas de Sousa**

Diretora do Museu de Arte Sacra do Funchal,  
**Graça Maria Nóbrega Alves**

Diretora do Museu de Arte Contemporânea  
Armando Martins (MACAM),  
**Adelaide Ginga**

Presidente da Direção da Sociedade Nacional  
de Belas Artes,  
**João Paulo Queiroz**

Curadora no Museu Nacional de Arte  
Contemporânea,  
**Adelaide Duarte**

Curadora da Coleção de Arte  
Contemporânea do Estado,  
**Sandra Vieira Jürgens**

## COMISSÃO ORGANIZADORA

**Isabel Lopes da Silva**

Presidente da Direcção da APA

**Francisco Pereira Coutinho**

**Tomás Branquinho da Fonseca**

**Ricardo Hogan**

**Sebastião Jorge Neves**

**Vera Morbey Affonso**



## COMISSÃO DE PERITAGEM

Alastair Bigson

Alberto Varela Santos

Alexandra Gago da Câmara

Anísio Franco

Celso Mangucci

Fernando Moncada

Gabriel Laranjeira

Henrique Braga

Jorge Martins

José Lopes

Luís Castelo Lopes

Manuel Costa Cabral

Mário Varela Gomes

Rui Quintela

Sofia Ruival

## *Passado e presente, novos sentidos*

Propôs-nos a Comissão Organizadora da LAAF — Lisbon Art & Antiques Fair uma reflexão sobre releituras do passado no presente no contexto do património cultural, e sobre o modo como objetos de outras eras podem continuar a fazer sentido na contemporaneidade.

Começamos por recordar a evidência de que todas as leituras do passado, mais antigo ou mais recente, são resultado de um ofício que se desenrola no presente, seja no presente que o foi no século XVII, em meados do século XX, ou no ano transato. Se leituras antigas de manifestações culturais podem continuar a ecoar na contemporaneidade com igual expressão, o interesse e o maravilhamento por objetos artísticos ou patrimoniais, acontecem, inevitavelmente, no agora do pensamento e das emoções.

Não raras vezes, atribuímos sentidos diferentes a uma mesma realidade, em resultado de novos conhecimentos, de mudanças de gosto ou da descoberta de outras perspetivas passíveis de alterar a nossa visão do mundo, e, com ela, a dos objetos. A relevância não é uma propriedade intrínseca de um objeto, mas sim uma relação entre esse objeto e a pessoa que o observa. Nesse sentido, os significados não são algo estático, mas uma construção ativa que depende da história pessoal de cada indivíduo e do contexto do momento em que o encontro ocorre (Simon, N., 2016). Estamos em crer que não são os objetos que produzem sentido *per se*, não obstante a eventual intenção dos seus criadores. Diversamente do que usava afirmar, parece-nos que os objetos, patrimoniais ou artísticos, não “falam por si”, não são autoexplicativos, nem transportam mensagens dirigidas ao observador. Será, antes, o sujeito fruidor que encontra os seus sentidos para os objetos, alicerçados ou não em conhecimento teórico e técnico.

A memória da fruição de objetos similares e o conhecimento prévio sobre o contexto histórico e artístico de peças e criadores poderão concorrer para a compreensão do objeto, assim conferindo substância à possível experiência estética. Será, porventura, a potencialidade dessa dupla apreensão, em (re) conhecimento e em fruição, que poderá contribuir para a (re)criação de sentidos e, através deles, de novos caminhos de identificação entre o sujeito observante e o objeto expectante.

É, precisamente, na possibilidade da construção de novos sentidos em contexto patrimonial e artístico, que se encontra um dos mais relevantes propósitos

[ESQ]  
**Par de Brincos**  
180–280 d.C.  
Altura: 28,00 mm  
Largura: 11,00 mm  
Inv. ML-ARQ.0766

[DRT]  
Ilustração que  
acompanha  
a descrição do  
contexto da peça



dos museus da atualidade. As coleções que os museus celebram e cuidam são fundamentais, mas o que mais importa é o que fazemos com elas (Black, G., 2018). A conceção e utilização de ferramentas museológicas contemporâneas assentes em investigação atualizada permitem a densificação da experiência subjetiva, aproximando pessoas, objetos, territórios culturais e cronologias.

Por meio de textos e imagens associados aos objetos, assim como de histórias que aproximem a História da vida presente, é possível projetar a materialidade de criações patrimoniais de qualquer datação, do paleolítico à década passada, num espaço-tempo da percepção, de onde pode emergir o prazer da descoberta. Conteúdos expositivos, de mediação e de comunicação articulam-se para abrir caminhos racionais e sensoriais que permitam a criação de sentidos, tanto para os que se relacionam naturalmente com o meio, como para quem a cultura e as artes são, ainda, algo de supérfluo, ou pior, indiferente.

Na prática museológica, procuramos que a autoridade do conhecimento seja partilhada com quem recebe e participa, permitindo o desenvolvimento de perguntas e pontos de vista múltiplos, através não da infantilização dos discursos ou da limitação dos campos disciplinares, mas trabalhando perspetivas complementares de descodificação de narrativas. Promove-se a humanização dos discursos por via de histórias concretas, tão diversas e complexas quanto o tecido social multicultural das comunidades em que vivemos, e assim combatendo a invisibilidade de temas e pessoas tão ou mais relevantes quanto os tradicionalmente famosos (Monteiro, J., 2021).

À guisa de exemplo, poderemos ilustrar esta breve reflexão com o modo de interpretar obras patentes na renovada exposição de longa duração do

**Terreiro do Paço  
no séc. XVII**  
Pintura  
STOOP, Dirk  
(1610–1686)  
MC.PIN.0261



Museu de Lisboa, no Palácio Pimenta. Começamos por um par de brincos de ouro com pérolas de água doce que faziam parte de um conjunto de joias pertencentes a uma menina que viveu entre finais dos séculos II e III d.C., possivelmente chamada Valéria e filha de Tito (atentas as iniciais cravadas num dos anéis do conjunto) e que foi sepultada na principal necrópole romana da Olisipo de então, na zona da atual Praça da Figueira.

Sem conhecer a datação nem o contexto, a elegância da peça, assim como os seus traços, diríamos hoje, minimalistas, poderiam levar-nos a pensar que os brincos teriam saído de um atelier contemporâneo de Lisboa, Porto ou Paris. A peça tem cerca de 2.000 anos e provém do subsolo de Felicitas Julia Olisipo, ou seja, da pequena Lisboa construída na encosta do Tejo que constituiu parte importante da Província da Romana Lusitânia. Sabendo que se tratou de joias de uma menina romana precocemente desaparecida, que terá vivido na Baixa Pombalina de hoje, a relação do observador com a peça muda. Os novos sentidos advêm do conhecimento obtido, do modo como se expõe e da história, de beleza e humanidade, que é contada na exposição.

A famosa pintura de Dirk Stoop apresenta-nos o Terreiro do Paço aquando da chegada a Lisboa de D. Francisco de Mello e Torres, embaixador extraordinário de Portugal em Londres, onde acordou o Tratado de Whitehall (23 de junho de 1661) e ultimou as negociações para o casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra. Fruto de intensa investigação e de produção de discursos de mediação cultural para diferentes tipos de público, a interpretação atual da peça pode remeter-nos para o ambiente de um filme

**Lisboa em Festa**  
Pintura  
VIANA, Eduardo  
(1881-1967)  
MC.PIN.0053



documental sobre uma cidade cosmopolita, não menos multicultural do que a Praça do Comércio dos nossos dias.

Por último, a vibrante pintura de Eduardo Viana que nos oferece uma “Lisboa em Festa”, de cerca de 1925, bem anterior às primeiras “Festas de Lisboa” que integraram as marchas na Avenida, em 1934. A multidão colorida quase feérica que serpenteia o branco casario, remete-nos para a imagem da sua identidade visual e matérica do bairro, hoje mais distante da realidade indelévelmente marcada pela transformação urbanística e cultural da passagem do tempo e da turistificação da cidade, mas não menos próxima do ideário coletivo de postal, ou da imagem mental que perdura.

Se a estranheza pode criar barreiras ao entendimento e ao espaço de liberdade onde a possibilidade do espanto e da fruição se desenvolvem, os museus, galerias e antiquários abrem caminhos de comunicação e escuta em favor da descoberta de novas ligações e novos sentidos.

*Joana Sousa Monteiro, Diretora do Museu de Lisboa*

## *Algumas notas sobre o tempo, o colecionismo e a sustentabilidade*

O gosto pelas artes e antiguidades ensina-nos que o tempo é uma matéria ativa na construção do valor simbólico da obra de arte. Os bens culturais não só chegam até à contemporaneidade com as marcas da sua época, mas são, também, portadores da memória daqueles que os construíram, dos olhares que os reconheceram, das escolhas que os fizeram resgatar do esquecimento, numa acumulação de valor histórico que os tornam singulares. Chegados ao presente, prosseguem no prazer colecionístico que estimulam, seja no gozo da procura e da disputa nos mercados, seja na generosidade da partilha e da exposição com os outros.

Os objetos inscrevem-se no tempo, habitam-no e permitem que se assumam uma posição ativa neles: cuidar, transmitir, interpretar o que representa o seu legado. Os objetos artísticos não pertencem exclusivamente ao passado, mas inscrevem-se na longa duração da história que lhes antecede e ultrapassa. Esta perenidade dos bens culturais torna especialmente intrigante o encontro com a arte contemporânea. No contexto da LAAF — Lisbon Art & Antiques Fair, não se oferece ao olhar apenas objetos de épocas distintas, dispostos lado a lado, mas cria-se um contexto, onde diferentes períodos de tempo se interrogam mutuamente. Entre a permanência das antiguidades e a inquietação do contemporâneo, abre-se um campo de tensão, onde a sustentabilidade pode ser pensada como instrumento de continuidade cultural.

A arte contemporânea, frequentemente associada à experimentação e à novidade, à hibridização e à diversidade de linguagens estéticas, à inconformidade, tem condições para problematizar essa lógica da durabilidade e do sustentável. Os artistas têm trazido este tema para a criação artística, ainda antes da urgência da sua discussão. Alberto Carneiro, Olafur Eliasson, Ana Mendieta, Maria José Oliveira estão entre os artistas que problematizam a relação entre a matéria e o tempo, a sustentabilidade e a ecologia, o corpo e a terra, a experiência sensorial e política. É precisamente a condição crítica inerente à arte contemporânea que a torna um lugar privilegiado de reflexão. Ao questionar a capacidade de não comprometer o equilíbrio do sistema e os modos de produção, a criação contemporânea impele-nos a interrogar o futuro: o que importa ser preservado? O que será legado? Que formas de arte sobreviverão ao tempo e porquê? Ora a sustentabilidade deixa de ser apenas

**1** O tema da pegada carbónica no sistema das artes tem vindo a ser estudado na academia e na sociedade, através de organizações não lucrativas, com o objetivo de criar uma sensibilização alargada, como a Gallery Climate Coalition, lançada já em 2020. Veja-se: <https://galleryclimatecoalition.org/>, consulta a 25 de março de 2026.

**2** DUARTE, Adelaide; PÉREZ-IBÁÑEZ, Marta, "Slow Collecting: Sustainability and the Need for a Paradigm Shift by Iberian Collectors", *Sustainability*, MDPI 2023, 15(21), 15401. DOI: <https://doi.org/10.3390/su152115401>

uma questão ambiental para se tornar uma matéria profundamente cultural. Implica a capacidade de responder às necessidades do presente sem prejudicar as possibilidades das gerações futuras. No campo artístico, isso significa garantir que os objetos e os significados que transportam possam atravessar o tempo, mantendo a sua relevância e inteligibilidade. Em última instância, trata-se de refletir sobre os objetos e o colecionismo de forma responsável. Mas há aqui uma tensão que não pode ser ignorada. O sistema da arte contemporânea, tal como se organiza na atualidade, assenta em dinâmicas de circulação global, em calendários intensivos de feiras de arte anuais e de exposições de grande escala, com lógicas de visibilidade que privilegiam a rapidez, a novidade e incitam à acumulação. Este modelo, que se tem revelado eficaz do ponto de vista económico, mostra-se, contudo, difícil de conciliar com os princípios da sustentabilidade<sup>1</sup>.

É neste ponto que a proposta de *slow collecting* introduz uma inflexão importante (Duarte & Pérez-Ibáñez, 2023)<sup>2</sup>. Mais do que uma prática de engajamento, trata-se de uma mudança de atitude no interior do sistema da arte. Privilegia-se o tempo longo, o conhecimento aprofundado e a relação continuada com as obras e com os seus contextos. Inspirado no movimento da desaceleração, o *slow collecting* propõe uma alternativa à lógica da acumulação e da velocidade, sugerindo uma aproximação mais consciente, mais ética e mais responsável ao ato de colecionar.

Esta proposta aproxima, ainda, o colecionismo contemporâneo daquilo que o antiquariato sempre soube fazer: cuidar dos objetos em favor de um tempo longo. O colecionador que adota uma lógica de *slow collecting* não se limita a adquirir objetos; constrói relações, preserva contextos, inscreve as obras em narrativas que ultrapassam o imediato. Ambos operam como mediadores entre passado e futuro, garantindo a continuidade de valores que não são apenas estéticos, mas também culturais e simbólicos.

Esta transformação não é, todavia, instintiva. Entre a intuição e a ação abre-se, assim, um espaço que só pode ser preenchido por uma mudança mais profunda de paradigma. No contexto português, onde o mercado da arte apresenta uma reduzida escala, este desafio assume especificidades marcadas pela proximidade de atuação entre os diferentes agentes. O colecionismo privado, as

instituições e o mercado têm vindo a colaborar na construção de um ecossistema, onde a arte contemporânea se articula de forma estreita com o património e as antiguidades. Neste quadro, coleções, fundações e museus desempenham um papel decisivo na preservação das obras, contribuindo para a sua inscrição numa temporalidade mais ampla. Desta articulação, configura-se um campo onde o passado se afirma como uma presença ativa e onde o contemporâneo não é apenas atualidade, mas um potencial património.

Pensar a sustentabilidade neste contexto é equacionar a qualidade da duração das obras e das práticas que as sustentam. É reconhecer que cada gesto participa de uma história orientada para a continuidade. É assumir que o colecionismo, longe de ser um gesto estritamente privado, constitui uma forma de responsabilidade cultural. A arte revela-se um lugar de continuidade, ao mesmo tempo que a sustentabilidade enforma a capacidade de transformar o ato de colecionar numa prática consciente, informada e duradoura, uma prática que reconhece que o valor de um objeto não reside apenas no que ele é, mas na duração que é capaz de atravessar.

*Adelaide Duarte, Curadora no MNAC — Museu do Chiado*



## *Património e Coleccionismo: o público e o privado na preservação e valorização da herança cultural*

O património cultural constitui um elemento essencial na construção da identidade coletiva, refletindo as memórias, valores e expressões de uma sociedade ao longo do tempo. Integrando bens materiais — como obras de arte, monumentos e artefactos históricos — e manifestações imateriais, constitui o *legado comum* que importa preservar e transmitir às gerações futuras. Neste contexto, a relação entre coleções públicas e coleccionismo privado revela-se particularmente relevante, uma vez que ambos desempenham papéis complementares, não isentos de tensões, na salvaguarda e valorização da herança cultural.

Compete, obviamente, às instituições públicas — como museus, arquivos e bibliotecas — uma posição central na gestão do património. A sua missão assenta na conservação, estudo e divulgação dos bens culturais, garantindo o acesso universal e promovendo o seu conhecimento. Em Portugal, instituições como o Museu Nacional de Arte Antiga ou o Museu Calouste Gulbenkian exemplificam esta função, reunindo coleções de grande relevância histórica e artística e disponibilizando-as ao público num contexto científico e pedagógico. Estas instituições operam segundo princípios de interesse público, o que implica uma responsabilidade acrescida na preservação a longo prazo e na contextualização dos objetos que integram as respetivas coleções, estabelecendo o paradigma de referência para as demais instituições do sector.

De facto, a importância destas coleções públicas pode ser analisada à luz do pensamento de Pierre Nora, que introduziu o conceito de *lugares de memória*, defendendo que espaços como os museus desempenham um papel crucial na preservação da memória coletiva. De forma complementar, Tony Bennett sublinharia o papel dos museus enquanto instrumentos de educação pública e construção de cidadania, destacando igualmente a sua função formativa nas sociedades contemporâneas. Além disso, as coleções públicas desempenham um papel fundamental na democratização da cultura. Ao disponibilizar o acesso a bens patrimoniais, permitem que diferentes públicos contactem com a herança cultural, independentemente da sua condição social ou económica. Esta função educativa contribui para o desenvolvimento de uma consciência crítica e para o fortalecimento do sentimento de pertença coletiva.

Por outro lado, o coleccionismo privado tem uma longa tradição e não pode ser dissociado da própria história do património. Em Portugal, nomeadamente,

um dos exemplos mais emblemáticos é o de Calouste Gulbenkian, cuja coleção privada deu origem ao Museu Calouste Gulbenkian, hoje uma das mais importantes instituições culturais do país. Outro exemplo relevante é o da Coleção Medeiros e Almeida, exposta no museu instituído pela respetiva Fundação. Ou ainda, numa lógica distinta, o Museu Berardo, cuja coleção de arte contemporânea, reunida por José Berardo, foi exibida durante anos em parceria com o Estado português, evidenciando tanto o potencial como as fragilidades da colaboração entre o setor público e o privado.

Do ponto de vista teórico, com efeito, o colecionismo pode ser analisado através das reflexões de Walter Benjamin, que via no colecionador uma figura capaz de atribuir novos significados aos objetos, ao retirá-los do seu uso original e integrá-los numa lógica de coleção. Também Jean Baudrillard explorou o colecionismo como prática simbólica, associada à construção de identidade e ao desejo de organização e controlo do próprio mundo.

Na verdade, o colecionismo privado tende a possibilitar uma maior agilidade na aquisição de peças, escapando às limitações burocráticas e orçamentais frequentemente enfrentadas pelas instituições públicas — e esta capacidade é frequentemente determinante na salvaguarda de bens culturais em risco. No entanto, levanta também questões críticas. A concentração de património em mãos privadas pode restringir o acesso público e limitar o potencial educativo desses bens. Quando objetos de elevado valor permanecem inacessíveis, o património tende a perder a sua dimensão coletiva.

Outra questão prende-se com a descontextualização dos objetos, amplamente discutida por David Lowenthal, que sublinha como a deslocação de artefactos pode alterar profundamente o seu significado. Este problema manifesta-se quando peças são retiradas dos seus contextos originais e integradas em coleções privadas ou circuitos comerciais, comprometendo a sua leitura histórica. Adicionalmente, o mercado de arte introduz uma lógica económica que pode entrar em conflito com o valor cultural do património. A transformação de objetos patrimoniais em ativos financeiros pode fomentar práticas especulativas, como analisado por Pierre Bourdieu, que destaca a relação entre arte, poder e capital simbólico.

Mas é certo que, não obstante as tensões enunciadas, importa reconhecer o contributo global do mercado de arte para o estudo e valorização do património cultural. Casas de leilões, galerias e feiras funcionam como espaços de mediação onde obras são redescobertas, atribuídas e contextualizadas. Em Portugal, algumas leiloeiras têm desempenhado um papel relevante na identificação e valorização de obras e artefactos históricos, contribuindo para o seu reconhecimento e, em alguns casos, para a sua integração em coleções institucionais — ao mesmo tempo que se assiste a uma colaboração, cada vez mais ativa, entre o antiquariato e o meio académico, no quadro da investigação científica aplicada. Do ponto de vista teórico, esta dinâmica pode ser analisada através de Raymonde Moulin, que estudou o mercado de arte como um sistema onde se cruzam valores económicos e culturais, e de Hans Abbing, que destaca o papel do mercado na construção de reputação e legitimidade artística. Ainda que orientado por interesses comerciais, o mercado pode, quando articulado com instituições públicas, contribuir para a visibilidade e valorização do património. Compete-lhe ainda um papel singular na necessária divulgação internacional do património português, estimulando a sua integração em importantes coleções públicas ou privadas.

Face a estas dinâmicas, o diálogo entre coleções públicas e colecionismo privado torna-se essencial. Parcerias, empréstimos, doações e colaborações institucionais permitem conciliar interesses individuais com o bem coletivo. A Fundação Calouste Gulbenkian constitui um exemplo paradigmático de como uma coleção privada pode ser institucionalizada e colocada ao serviço do público de forma sustentável.

Em última análise, a relação entre coleções públicas, colecionismo privado e mercado de arte deve ser entendida como uma rede de interdependência. Embora existam tensões e desafios, estes três elementos podem contribuir de forma complementar para a preservação e valorização do património cultural. O essencial reside na existência de um enquadramento ético e legal que assegure a proteção dos bens e promova o acesso público. O futuro da herança cultural dependerá, pois, da capacidade de construir pontes entre o público e o privado, equilibrando interesses económicos, culturais e sociais.

## As coisas e o tempo

### Referências bibliográficas:

- Abbing, Hans (2002). *Why Are Artists Poor? The Exceptional Economy of the Arts*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Baudrillard, Jean (1995). *O Sistema dos Objetos*. Lisboa: Edições 70.
- Benjamin, Walter (2012). *A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Bennett, Tony (1995). *The Birth of the Museum: History, Theory, Politics*. London: Routledge.
- Bourdieu, Pierre (1996). *As Regras da Arte: Génese e Estrutura do Campo Literário*. Lisboa: Presença.
- Lowenthal, David (1998). *O Passado é um País Estrangeiro*. Lisboa: Gradiva.
- Moulin, Raymonde (1987). *The French Art Market: A Sociological View*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- Nora, Pierre (1989). "Entre memória e história: a problemática dos lugares". *Revista Projeto História*, n.º 10.

Após a participação do MUDE — Museu do Design na LAAF — Lisbon Art & Antiques Fair, em 2019 e 2025, o convite para contribuir para a presente publicação com uma reflexão sobre a cultura material e a relação entre a criação contemporânea e as práticas do passado demonstra o reconhecimento que os organizadores desta iniciativa têm do design enquanto património e área de interesse do colecionismo, apresentando-o lado a lado com as antiguidades e a arte moderna e contemporânea.

Esta realidade espelha, de certa forma, como, em cada momento histórico, a contemporaneidade resulta, de facto, da sobreposição e interação de múltiplas temporalidades: o presente em constante devir, o futuro que se vai perspectivando e o passado que chegou até à atualidade, juntamente com as leituras e reinterpretações que dele se fazem. De igual modo, a modernidade, mais do que um período cronológico delimitado, é uma atitude crítica e um conceito transversal, no qual se encontram afinidades concetuais, formais e técnicas que aproximam autores, peças, épocas e culturas aparentemente distintas. Esta perspetiva problematiza o entendimento da cultura material, desafiando tanto as hierarquias e fronteiras disciplinares como as dicotomias convencionais — antigo/novo, tradição/ inovação, belo/útil — que são, sobretudo, categorias de análise.

Sob este prisma, cada objeto se revela como uma espécie de palimpsesto, no qual se acumulam camadas de memórias, técnicas, usos e significados, continuamente reconfigurados em distintos contextos históricos e culturais. Desta forma, cada peça não fala apenas de si e do seu «espírito do tempo»; exprime também as circunstâncias do momento em que, por ação de um olhar, foi 'redescoberta' segundo determinada perspetiva ou integrou uma exposição, publicação, coleção privada ou pública. O objeto torna-se, assim, um testemunho vivo de escolhas e critérios mutáveis, bem como de diferentes entendimentos sociopolíticos e culturais. Esta capacidade de gerar leituras múltiplas e, por vezes, contraditórias, constitui uma das suas maiores riquezas. É precisamente nesta densidade interpretativa que a missão do museu e o trabalho curatorial se revelam tarefas inesgotáveis, exigindo um constante exercício de reavaliação e uma leitura crítica do presente que reconheça tanto as continuidades como as tensões, as apropriações como os silenciamentos.

**1** FRANÇA, José-Augusto (2016). *Desenho... Design*. Cunha, R. (coord.). *Que coisa é o Design?* Lisboa: edições IADE.

**2** COSTA, Daciano (2022). *Design e Mal-Estar* (Ed. revista). Lisboa: Orfeu Negro.

**3** MUNARI, Bruno. (2008). *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Coleção Arte & Comunicação. edições 70.

**4** “uma obra é uma obra de arte apenas na medida em que a consciência que a recebe a julga como tal”. ARGAN, G. C. (1994). *Guia de História da Arte*. Lisboa: Editorial Estampa, p.14.

Paralelamente, importa reconhecer que a arte e as artes aplicadas (ou as artes decorativas, realidade de onde se emancipa o design) resultam da necessidade do ser humano interpretar, organizar e sublimar a realidade. Se a criação artística exprime o universo interior e a visão pessoal do autor, o design afirma-se como uma prática de projeto que convoca diversos saberes para responder a problemas concretos ou ensaiar cenários futuros. Contudo, ambas as práticas partilham a matriz estruturante do desenho como elemento comum: uma visão sublinhada por José-Augusto França<sup>1</sup> e reiterada por Daciano da Costa<sup>2</sup>, que o definia como a ferramenta operativa e transversal que precedia a própria especialização disciplinar. O desenho surge, assim, não apenas como técnica, mas como instrumento de pensamento e mediação entre a ideia e a sua materialização. Neste âmbito, ecoa o pensamento de Bruno Munari, cuja prática poliédrica dissolveu as habituais fronteiras disciplinares ao considerar tudo manifestações de comunicação visual, defendendo uma valorização do significado poético e lúdico do objeto e a redefinição do conceito de luxo como o uso inteligente e essencial das coisas<sup>3</sup>. Para esta questão, é também relevante lembrar que a distinção entre objetos artísticos e utilitários na cultura ocidental é um fenómeno relativamente recente — consolidado a partir da divisão entre artes e ofícios no Renascimento e reforçado pelo Iluminismo e pela lógica industrial —, não sendo, contudo, estanque. Tal como sublinha Giulio Carlo Argan<sup>4</sup>, o estatuto de «obra» depende da consciência que a recebe e do seu contexto histórico, o que revela que os conceitos de arte e design dependem da perspetiva autoral e das circunstâncias de cada época. Contudo, as influências mútuas sempre existiram e acentuam-se a partir das vanguardas históricas e da década de 1960, momento em que as fronteiras disciplinares se diluem em favor de uma cultura colaborativa. Esta tendência é aprofundada na atualidade, onde práticas híbridas desafiam classificações rígidas e promovem uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar que resgata saberes e técnicas tradicionais como exemplos de ecologia, racionalidade de recursos e respeito pela natureza, face à atual crise climática e à necessidade de repensar modelos económicos. Os processos colaborativos entre designers e artesãos desenvolvem-se, assim, como um campo fértil, embora complexo, procurando encontrar soluções

**Miguel Vieira  
Baptista**

Taça *Puzelaine* #1, 2005  
Fragmentos de porcelana Vista Alegre  
Peça única  
MUDE.P.0676  
©MUDE/PH3



potencialmente relevantes para os desafios contemporâneos, enquanto se multiplicam criadores que congregam a conceção do projeto com a sua execução oficial (*Designers-Makers*). De formas distintas, desafiam-se classificações, combinam-se novas tecnologias e processos de fabrico e reinterpretam-se referências da cultura material e visual histórica e recente, relendo as funções e os contextos habitualmente atribuídos a determinadas peças. Nessa ação, as propostas podem ter uma intencionalidade política, assumir uma dimensão particularmente irónica ou valorizarem o significado poético. Sob tal perspetiva, tradição e património deixam de ser entendidos como arquivos estáticos e passam a ser reconhecidos como forças dinâmicas. Foram exatamente estas as questões que a participação do MUDE na LAAF em 2025 procurou debater, através de um conjunto de peças, entre as quais se encontravam as propostas de Miguel Vieira Baptista e de Pedro Lunta que acompanham este texto. O papel das instituições museológicas é, neste contexto, particularmente relevante. Ao promover exposições que cruzam acervos, disciplinas e temporalidades, os museus contribuem para a construção de narrativas mais inclusivas e críticas, oferecendo ao público novas formas de leitura e de participação. Reconhecer esse potencial implica assumir a responsabilidade ética de preservar e reinterpretar o património como um conceito vivo, em permanente construção e em diálogo aberto com o futuro. Sob este prisma, o MUDE tem consolidado uma linha programática que privilegia a problematização das relações entre o design, as artes e os ofícios tradicionais. Esta visão, que valoriza a dimensão antropológica e social da cultura material, materializou-se em exercícios de migração cruzada de acervos como

**Pedro Lunta**

*Candeeiro Tapar o sol com a peneira, 1997*  
Peneira em folha de pinho, rede de nylon, componente elétrica  
MUDE.P.1239  
©MUDE/Pedro Janeiro



*M&M. Artes e Design* (2011), com o Museu Nacional de Arte Antiga, ou *Abaixo as Fronteiras! Vivam o Design e as Artes!* (2016), com o MACE — Elvas. Nesta mostras, diluíram-se as tradicionais hierarquias disciplinares de modo a permitir um melhor entendimento sobre temas como o corpo, a natureza, a paisagem ou o ambiente. Este compromisso foi igualmente evocado na exposição *Museu Infinito* (2016), que recuperou o legado de Joaquim de Vasconcelos e a memória do Museu Industrial e Comercial do Porto (1883–1899), onde a valorização das artes e ofícios era defendida como motor da produção nacional e de formação do gosto. Esta linha de continuidade manifestou-se também na exposição *PORTUGAL POP* (2022/2025), uma coprodução com a ESAD-idea e a Casa do Design em Matosinhos, na qual se pretendeu compreender as influências da memória coletiva, das tradições e do património material e imaterial no design de moda em Portugal entre 1970–2020. Esta leitura crítica enforma também a exposição de longa duração do MUDE, intitulada *Para que servem as coisas?*<sup>5</sup>, que propõe uma releitura do design e do seu património discursivo, interpelando o como e o porquê de as «coisas» serem pensadas, produzidas, consumidas, a sua vida ao longo dos tempos e qual a sua utilidade nos dias de hoje.

*Bárbara Coutinho, Diretora do MUDE — Museu do Design*

**5** COUTINHO, Bárbara (ed., coord. cient.) (2024). *Jornal Para que servem as coisas?* Peças do Acervo MUDE. 1900–2020. Lisboa: CML/MUDE.

## *A SNBA nos seus 125 anos: inovação e legado*

A Sociedade Nacional de Belas Artes nasceu em 1901 da fusão entre a Sociedade Promotora de Belas Artes e o Grémio Artístico, reunindo heranças que vão dos Românticos aos Naturalistas e mantendo até hoje uma vocação de abertura a propostas inovadoras. Ao longo do século XX, a SNBA foi palco de grandes tensões e renovações artísticas, acolhendo modernistas, independentes, neorrealistas, surrealistas e, mais tarde, novas gerações de artistas e experiências experimentais. Nos anos 1920, a “questão dos novos” travou a entrada dos modernistas, mas os “Cinco Independentes” acabaram por expor em 1923, seguindo-se o Salão de Outono de Eduardo Viana em 1925. Nos anos 1930, os Salões dos Independentes, organizados por António Pedro, reuniram vários nomes decisivos da arte portuguesa, enquanto, em 1935, António Ferro anunciou ali a “Política do Espírito”.

Durante as décadas seguintes, a SNBA continuou a ser um espaço central de resistência e de criação. Em 1940 recebeu a exposição de Abel Salazar e, em 1945, serviu de base ao MUD e às 10 Exposições Gerais de Artes Plásticas, anuais, marcadas pelo neorrealismo e pela denúncia política. Aí surgiram também os grupos surrealistas, divididos em duas correntes. Em 1952 a instituição chegou mesmo a ser encerrada pelo Estado Novo, reabrindo, muito a custo, no final do ano.

Na segunda metade do século, a SNBA afirmou-se de novo como lugar de renovação. Destacam-se o I Salão dos Artistas Hoje, em 1956, e a exposição “50 Artistas Independentes” em 1959 assim como a criação, em 1965, da Galeria de Arte Moderna, na cave, que revelou muitos nomes importantes da arte contemporânea portuguesa. Nos anos 1970 e 1980, o espaço acolheu exposições marcantes de crítica, feminismo, experimentalismo e pós-modernidade, consolidando o seu papel histórico na vida artística portuguesa. Este espírito de renovação mantém-se vivo na participação da SNBA na LAAF 2026, reforçando o diálogo entre legado e contemporaneidade na Cordoaria Nacional. No seu 125º aniversário, a Sociedade Nacional de Belas Artes renova a sua intervenção através das novas propostas de artistas de várias gerações, criando novos públicos, formando gerações de artistas nos seus cursos teóricos e práticos, apresentando novas linhas para o futuro e valorizando também a memória e o legado com renovada exigência.

*João Paulo Queiroz, Presidente da Direção da SNBA*

P R O G R A

M A Ç Ã O

P A R A L E

L A / P A

R A L L E L

P R O G R

A M L A A F

Diariamente /everyday, 19h30

## QUINTA DA FATA

**PROVAS DE VINHO** /WINE TASTINGS

Dão | Eurico Ponces do Amaral

Terça-feira /tuesday, 12 de Maio, 18h

## UM OLHAR SOBRE PRATAS ANTIGAS E CONTEMPORÂNEAS

/AN OVERVIEW OF ANTIQUE AND CONTEMPORARY SILVER

**PAINEL** /DISCUSSION PANEL

Filipa Fortunato | Kukas  
José Baptista | J. Baptista

**MODERADOR** /MODERATOR

Anísio franco | Historiador de arte /Art historian

Quarta-feira /wednesday, 13 de Maio, 18h

## MAGNÂNIMO — UM FAQUEIRO DE OURO PARA O REI DE PORTUGAL

/MAGNANIMOUS — A GOLD CUTLERY SET FOR THE KING OF PORTUGAL

**LANÇAMENTO** /LAUNCH

Mário Roque | Coordenador geral /General editor  
Hugo Miguel Crespo | Coordenador /Editor  
São Roque Antiquidades & Galeria de Arte |  
Editora /Publisher

**APRESENTAÇÃO** /PRESENTATION

Isabel Mayer Godinho Mendonça | Investigadora  
/Researcher

 **Cordoaria Nacional**

Quinta-feira /thursday, 14 de Maio, 18h

## FALSIFICAÇÕES E O MERCADO DE ARTE

/FORGERIES AND THE ART MARKET

**PAINEL** /DISCUSSION PANEL

Sebastião Jorge Neves | Antiquário /Antique dealer,  
António Costa Antiquidades

Diana de Almeida Ramos | Historiadora de arte  
/Art historian

João Alves de Oliveira | Director /Director,  
Diretoria de Lisboa e Vale do Tejo da Polícia Judiciária

**MODERADOR** /MODERATOR

Vera Mariz | Coordenadora /Coordinator, Portuguese  
Chapter – Society for the History of Collecting

**ORGANIZAÇÃO** /ORGANIZER

Portuguese Chapter – Society for the History of Collecting

Sábado /saturday, 16 de Maio, 18h

## A MAGAZINE ED. PRIMAVERA 2026

/SPRING

**LANÇAMENTO** /LAUNCH

Susana Jacobetty | CEO, A MAGAZINE  
João Grilo | Presidente /Mayor, Câmara Municipal do  
Alandroal  
Ana Paula Amendoeira | Historiadora /Historian

Domingo /sunday, 17 de Maio, 18h

## O QUOTIDIANO DA MESA REAL NO PALÁCIO DA AJUDA, 1862–1910

/THE DAILY LIFE OF THE ROYAL TABLE  
AT PALÁCIO DA AJUDA, 1862–1910

**APRESENTAÇÃO** /PRESENTATION

Cristina Neiva Correia | Conservadora /Conservator,  
Palácio da Ajuda

# LISTA DE EXPOSITORES

- [1] Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado
- [2] Galeria Bessa Pereira — Lisboa | Milano
- [3] Aristopassagem
- [4] J. Baptista
- [5] José Sanina Antiquário
- [6] Rota do Tempo — João Ramada Antiquidades
- [7] Espadim 1985
- [8] Joana Aranha — Architecture and Interiors
- [9] Faria da Silva
- [10] Sociedade Nacional de Belas Artes
- [11] Contrastaria Portuguesa — INCM
- [12] Strong Charon
- [13] A Magazine
- [14] Galeria da Estrela
- [15] Galeria Ultramar
- [16] Carlos Carvalho Arte Contemporânea
- [17] Isabel Lopes da Silva
- [18] Luís Alegria
- [19] Kukas
- [20] Tricana Galeria
- [21] Manuela Verde Lírio
- [22] Ricardo Hogan Antiquidades
- [23] Galeria da Arcada Antiquidades
- [24] Objectismo
- [25] Achronima
- [26] Arte em Acção
- [27] Alexandra Matias Jewelry
- [28] Trema Arte Contemporânea
- [29] Galeria Pedro Jaime Vasconcelos
- [30] d'Orey Azulejos e Antiquidades
- [31] António Costa Antiquidades
- [32] Galeria São Mamede
- [33] Tomás Branquinho da Fonseca | Antiques & Art Gallery
- [34] São Roque, Antiquidades e Galeria de Arte
- [35] OITOEMPONTO, Art & Antiques
- [36] Rosior
- [37] Miguel Arruda Antiquidades
- [38] Manuel Castilho
- [39] Palácio Nacional da Ajuda

STAND 2

**GALERIA BESSA PEREIRA**  
**LISBOA — MILANO**

Carlos Bessa Pereira

Rua de São Bento 426  
1200-822 Lisboa, Portugal

+351 935 167 270

info@galeriabessapereira.com

www.galeriabessapereira.com

IG @galeriabessapereira

FB @galeriabessapereirafineartsfurniture



[esq] **SÉRGIO RODRIGUES**  
(RIO DE JANEIRO, BRASIL. 1927-2014)

Banco Corrido "Bloch", 1960s  
Madeira de Pau-Santo (Jacarandá do Rio de Janeiro)  
A 40 × L 222 × P 60 cm

[drt] **MICHELANGELO PISTOLETTO**  
(BIELLA, ITÁLIA 1933)

Gabbia, 1970  
Serigrafia sobre aço polido a espelho  
Assinatura a caneta de feltro preta no verso  
Edição 243/450  
A 100 cm × L 70 cm

40



STAND 3

## ARISTOPASSAGEM

Pedro Antunes de Almeida

Rua de São Bento 366  
1200-822 Lisboa, Portugal

+351 965 839 280

aristopassagem@gmail.com

www.aristopassagem.com



[esq] **SOFIA AREAL (N. 1960)**

Sem título  
Acrílico sobre tela  
Assinado e datado  
1999  
120 × 120 cm



[drt] **GRAÇA MORAIS (N. 1948)**

Sem título  
Técnica mista sobre papel  
Assinado e datado  
1983  
65 × 50 cm

STAND 4

**J. BAPTISTA**

José Baptista

Rua Áurea 166  
1100-064 Lisboa, Portugal

+351 927 608 806

[jbaptistalda@gmail.com](mailto:jbaptistalda@gmail.com)

[www.josebaptista.com](http://www.josebaptista.com)



[esq] LAVANDA E GOMIL

Século XVIII

[drt] COLAR DE DIAMANTES

Século XIX

44

# J. BAPTISTA



STAND 5

**JOSÉ SANINA  
ANTIQUÁRIO**

José Sanina

Rua de São Bento 279,  
1250-219 Lisboa, Portugal  
+351 213 962 483 | 966 344 554  
joesanina@hotmail.com  
IG @joesanina  
FB @jose.saninaantiquario



[esq] **SIMPLÍCIO RODRIGUES DE SÁ (1785-1839)**

Retrato de D. João VI (1767-1826)

Óleo sobre tela

Escola portuguesa do séc. XIX (1º quartel)

48,0 × 37,0 cm

Proveniência: Segundo informação da anterior família proprietária esta obra provém do Palácio dos Duques de Lafões (Palácio do Grilo)

[drt] **MANUEL CARGALEIRO (1927-2024)**

Sem título, 1969

Óleo sobre tela

Assinado e datado de 1969, verso também assinado e datado

92,0 × 73,0 cm

Proveniência: Coleção privada



STAND 6

**ROTA DO TEMPO  
— JOÃO RAMADA  
ANTIGUIDADES**

João Ramada

Rua José d'Esaguy 8A/B  
1700-267 Lisboa, Portugal

+351 938 809 696

joaoantonioramada@gmail.com

IG @rotadotempoantiguidades



[esq] **CENTRO DE MESA "NENUFARES"**

Marca David/Luiz Ferreira, 1970  
Prata Contraste Porto Aguia 833  
Ourives José Pereira Reis  
903 g  
12 x 52 x 50 cm  
Proveniência: Coleção particular

[drt] **IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PENHA  
COM MENINO**

Séc. XVIII  
Escultura em madeira policromada, coroa em prata  
136 cm  
Proveniência: Coleção particular



STAND 7

## ESPADIM 1985

António Amante

Avenida da Liberdade 160  
1250-146 Lisboa, Portugal

+351 938 759 771

avenida@espadim1985.com

www.espadim1985.com

IG @espadim1985



[esq] **SERVIÇO DE CHÁ E CAFÉ**  
Manuel Alcino, Séc. XX (finais)

**56,5 cm (tabuleiro)**

Serviço de chá e café com tabuleiro em prata Portuguesa, com asas e pegas em marfim, assinado Manuel Alcino. Revivalismo Art Deco dos finais do século XX.

[drt] **BRINCOS**  
Esmeraldas Colombianas e Diamantes, 1960s

**5,1 cm**

Fabuloso par de brincos dos anos 1960s, com esmeraldas Colombianas e diamantes em talhe brilhante redondo e marquise. Ourives Augusto Sequeira Calisto, Portugal, 1960s. Esmeraldas ~2,50 ct. Diamantes ~12,9 ct.

[drt] **TIARA**  
Esmeraldas Colombianas e Diamantes, Séc. XIX

**23,6 cm (perímetro externo)**

Deslumbrante tiara do século XIX em feitiço *coronet*, decorada com esmeraldas Colombianas e diamantes em talhe brilhante antigo. Esmeraldas ~3,30 ct. Diamantes ~13,3 ct.

[drt] **ANEL**  
Esmeralda Colombiana e Diamantes, 1990s

**Tamanho EU 53 (ajustável)**

Imponente anel geométrico vintage em ouro branco de 18 kt, Portugal, circa 1990. Exibindo uma esmeralda Colombiana ao centro, flanqueada por diamantes incolores em talhe trapézio. Esmeralda ~5,32 ct. Diamantes ~0,95 ct; G-H.



STAND 8

**JOANA ARANHA**  
**— ARCHITECTURE**  
**AND INTERIORS**

Joana Aranha e Marta Aranha

Rua José Domingos Barreiros 2C  
1950-161 Lisboa, Portugal

+351 915 536 279

info@joanaaranha.com

www.joanaaranha.com

IG @joanaaranhastudio



Com 40 anos de experiência nas áreas residencial, empresarial, comercial, hotelaria e restauração, assim como em iates e aviação privada, o atelier Joana Aranha, sediado na luminosa cidade de Lisboa, desenvolve projectos de Arquitectura e Design de Interiores, combinando rigor, criatividade e atenção ao detalhe, onde cada ambiente é pensado ao pormenor nos segmentos mais exclusivos do mercado.

Imagem à direita: LAAF — Lisbon Art & Antiques Fair '25

With 40 years of experience in residential, corporate, commercial, hospitality, and restaurant projects, as well as yachts and private aviation, Joana Aranha Studio, based in the bright city of Lisbon, develops Architecture and Interior Design projects, combining precision, creativity, and meticulous attention to detail, with each space carefully considered for the most exclusive segments of the market.

Right image: LAAF — Lisbon Art & Antiques Fair '25



STAND 9

## FARIA DA SILVA

Miguel Faria da Silva

Rua Gomes Freire 66  
1150-179 Lisboa, Portugal

+351 965 579 692

lisboa@fariadasilva.pt

www.fariadasilva.pt



[esq] ANEL BOUCHERON

Em ouro, com diamantes, citrino e turmalina.



[drt] PREGADEIRA

Em forma de Orquídea com travessa de cabelo.  
Leitão & Irmão, com estojo original.

STAND 14

## GALERIA DA ESTRELA

João Luz Ferreira

Rua da Imprensa à Estrela 21B  
1200-684 Lisboa, Portugal

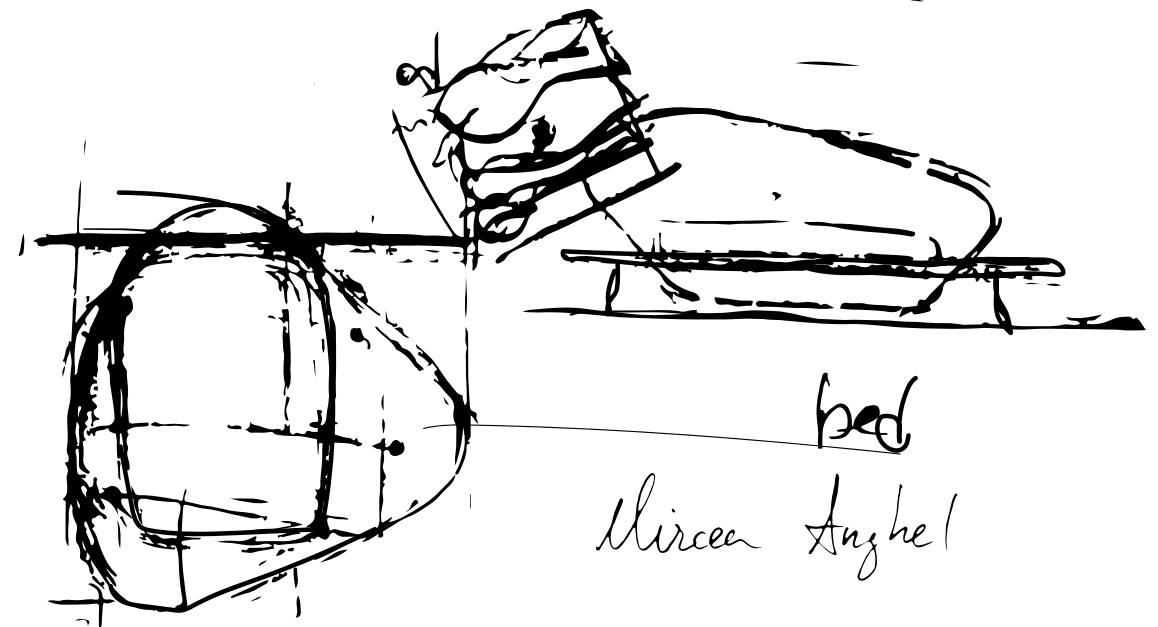
+351 916 055 541

geral@galeriadaestrela.pt

IG @galeria da estrela



*Bela Silva*



*bed  
Mircea Anghel*

STAND 15

## GALERIA ULTRAMAR

Joaquim Monchique

Rua de Sant'Ana à Lapa 103  
1200-798 Lisboa, Portugal

+351 938 056 827

info@ultramardesign.com

www.galeriaultramar.com

IG @ultramargaleria



[esq] CANDEEIROS LIPSTICK

Imponente par de candeeiros Lipstick,  
de Carlo Nason para Mazzega

Italianos 70's

Aço, vidro de murano

110 × 20 × 20 cm



[drt] JOANA VASCONCELOS

Pigalle, 2011

Croché de lã feito à mão, adereços, poliéster, sobre tela

146 × 205 × 50 cm

STAND 16

**CARLOS CARVALHO**  
**ARTE CONTEMPORÂNEA**

Carlos Carvalho

Rua Joly Braga Santos, Lote F, R/C  
1600-123 Lisboa, Portugal

+351 217 261 831

carloscarvalho-ac@carloscarvalho-ac.com

www.carloscarvalho-ac.com



[esq] **MANUEL VILARIÑO**

La Deshabitada, 2012  
Hahnemühle sobre alumínio  
150 × 200 cm  
Ed. 5

[drt] **ROLAND FISCHER**

EDP, 2026  
C-Print / Diasec  
124 × 124 cm / 180 × 180 cm  
Ed. 5

STAND 17

## ISABEL LOPES DA SILVA

Isabel Lopes da Silva

Rua Escola Politécnica 67  
1250-099 Lisboa, Portugal

+351 919 318 145

ils67@sapo.pt

www.isabellopesdasilva.com

IG @isabellopesdasilva.antiquario



[esq] COLAR

Ouro 18k com várias pedras: águas marinhas, turmalinas, ametistas, esmeraldas, citrinos, etc. c.1970



[drt] TAÇA

Prata  
Henning Koppel (1918-1981) para Georg Jensen  
Modelo 1068 criado em 1958

STAND 18

**LUÍS ALEGRIA**

Luís Alegria

Rua Júlio Dinis 566  
4050-319 Porto, Portugal

+351 917 600 126

[luisalegria.art@gmail.com](mailto:luisalegria.art@gmail.com)

[www.luisalegria.com](http://www.luisalegria.com)



[esq] **BIBLIOTECA GEORGE II EM MADEIRA DE MOGNO**

A George II mahogany library 18<sup>th</sup> century

264,8 × 231 × 59,5 cm

[drt] **POTE COM TAMPA HEXAGONAL EM PORCELANA DA CHINA, FAMÍLIA VERDE**

Qing Dynasty; Kangxi Period. (1662–1722)

Pote pintado com painéis de paisagens com figuras alternando com painéis de objectos preciosos, insectos, e vários animais como tigre, veado e Kylins). Altura: 50 cm

A Chinese Famille Verte hexagonal baluster vase and cover.

Qing Dynasty; Kangxi Period. (1662–1722)

Enamelled with panels of figures in landscapes alternating with panels with insects, “The hundred antiques”, and animals (Tiger, Deer and Kylins). Hight: 50 cm



STAND 19

**KUKAS**

Filipa Fortunato

Rua da Escola Politécnica 219  
1250-101 Lisboa, Portugal

+351 963 695 838

kukas@casafortunato.com

www.kukas.pt

IG @kukas\_jewellery\_and\_objects



[esq] **BRINCOS / EARRINGS**

**Prata e prata dourada**  
Silver and gold-plated silver



[drt] **PENDENTE E PREGADEIRA / PENDANT AND BROOCH**

**Prata com vidro**  
Silver with glass

STAND 20

## TRICANA GALERIA

Celal Öztürk & Hulya Öztürk & Miguel Baeta

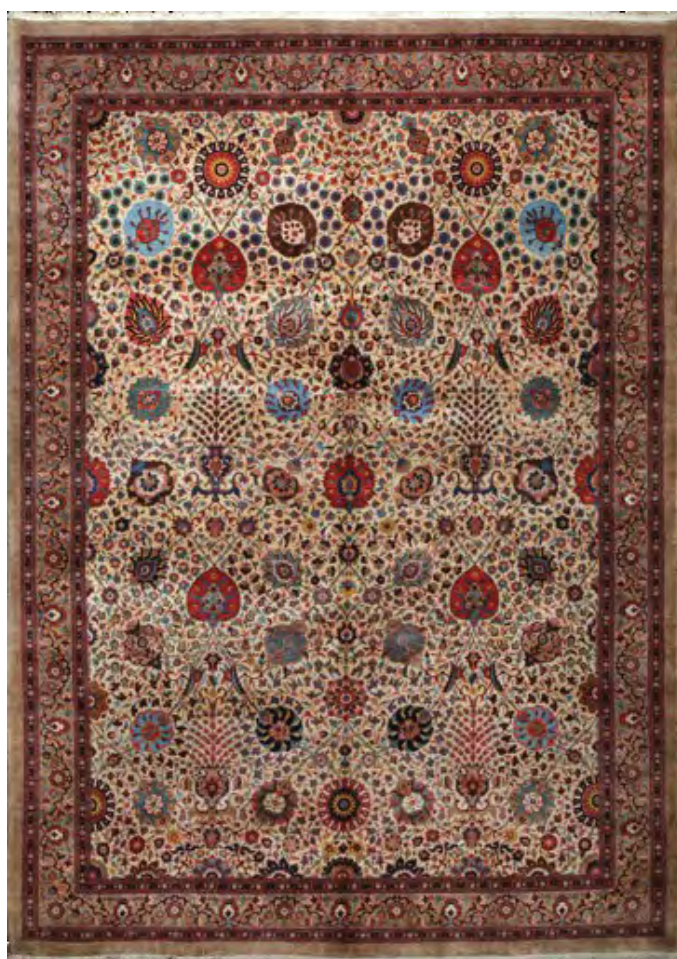
Rua de São Bento, 628  
1250-222 Lisboa, Portugal

+351 215 825 387 / 8 | 917 346 065 (CO) |  
917 335 022 (MB)

celal.ozturk@tricana.pt | miguel.baeta@tricana.pt

www.tricana.pt

IG @tricana\_pt  
FB @desde1943



[esq] TAPETE

Pérsia

Desenho: TABRIZ

Autoria: Miri

282 × 385 cm

Excelente exemplar da manufatura de Tabriz (Irão)



[drt] TAPETE

Pérsia

Desenho: HERIZ

Autoria: WL

420 × 720 cm

Excelente exemplar de manufatura de Heriz (Irão)

STAND 21

## MANUELA VERDE LÍRIO

Manuela Lírio

Av. Dr. Ramos Pereira 120, 3º F  
4910-547 Vila Praia de Âncora, Portugal

+351 967 125 024

manuela-lirio@hotmail.com

IG @manuela\_verde\_lirio\_lda



### ARPAD SZENES

"Derniers convives"  
Têmpera sobre papel  
16 × 61 cm



### ARCA SOBRE SUPORTE EM FORMA DE 2 ELEFANTES

Quatro gavetas simulando seis e um compartimento  
no topo com tampa basculante  
Em teca, ébano, sissó, marfim, osso e ferro  
Ferragens em cobre dourado  
Índia, provavelmente Taná (1560-1620)  
78 × 83 × 44 cm

STAND 22

## RICARDO HOGAN ANTIGUIDADES

Ricardo Hogan

Rua de São Bento 251  
1250-219 Lisboa, Portugal

+351 966 007 750

ricardohoganantiguidades@gmail.com

IG | FB @ricardohoganantiguidades



### [esq] FAUNO

Amaro della Quercia

Carvão sobre papel

1,00 x 0,70 m

Porto 2026

O Fauno surge como figura liminar onde o humano e o animal se entrecruzam sem resolução. Não é apenas emblema da força selvagem, mas a sua consciência nascente, como se a violência, ao atingir o excesso, se tornasse reflexiva.

A boca aberta, suspensa entre o grito e a linguagem, instaura uma ambiguidade inquietante. Os olhos elevados não fixam, procuram, como se buscassem uma medida já perdida.

Há aqui uma energia dionisíaca depurada por um rigor quase anatómico do traço. O carvão, matéria de combustão, inscreve essa tensão como vestígio ardente. Cada linha não descreve, incide, como uma ferida no visível.

O Fauno não é alegoria distante, mas espelho do presente violento. Nele, a brutalidade não apenas irrompe, como se pensa a si mesma. É nesse limiar entre instinto e consciência que a imagem permanece, irredutível e perturbadora.

### [drt] RETÁBULO COM CENAS DA PAIXÃO

Madeira, Portugal, Séc. XVII

0,90 x 0,60 m

A estrutura tripartida deste Retábulo delineia um percurso sotereológico que converge na Ressurreição, afirmado numa verticalidade serena, onde a luz parece emergir da própria matéria. À esquerda, Cristo a caminho do Calvário, amparado por Simão Cireneu, inscreve a pedagogia do sofrimento redentor, enquanto os cravos, no registo superior, antecipam, como sinais premonitórios, a inscrição da dor no corpo. À direita, a Oração no Horto encena a aceitação do cálice, oferecido pelo Anjo, no instante em que a angústia se converte em consentimento, ao passo que os Discípulos adormecidos figuram a incapacidade humana de velar com o divino. O martelo, em diálogo com os cravos, integra o léxico das Armas Christi, onde cada instrumento transcende a sua função material para se tornar emblema e memória da Paixão. Neste equilíbrio subtil entre narrativa e símbolo, o Retábulo afirma uma espiritualidade encarnada, onde o drama divino se deixa entrever na vulnerabilidade profundamente humana.



STAND 23

**GALERIA DA ARCADA  
ANTIGUIDADES**

António Jorge Bouza

Rua D. Pedro V 49  
1200-092 Lisboa, Portugal

+351 914 749 417

[galeriadaarcada@sapo.pt](mailto:galeriadaarcada@sapo.pt)

[www.galeriadaarcada.com](http://www.galeriadaarcada.com)



[esq] **SANTAS MÃES**

Madeira policromada séc. XVI  
Proveniência: Borgonha França  
Coleção Particular  
63 x 25 cm

[dir] **NOSSA SENHORA COM MENINO**

Escultura em madeira com traços de policromia original representando Nossa Senhora sentada em cadeirão. Ostenta o Menino sentado sobre o joelho esquerdo, o qual ampara com o antebraço e mão esquerda, enquanto a direita segura fruto. A Virgem apresenta-se coroada, de rosto sereno, pendendo da cabeça pequeno véu que lhe cobre os ombros. Corpo vestido com túnica coberta por manto, sendo visível na parte inferior a biqueira pontiaguda dos sapatos. O Menino está vestido com túnica, abençoando com a mão direita.

França, séc. XIII  
Proveniência: Coleção Particular  
23 x 61 cm



STAND 24

## OBJECTISMO

Nuno Lopes Cardoso

Rua Marquês de Sá da Bandeira 70  
1050-150 Lisboa, Portugal

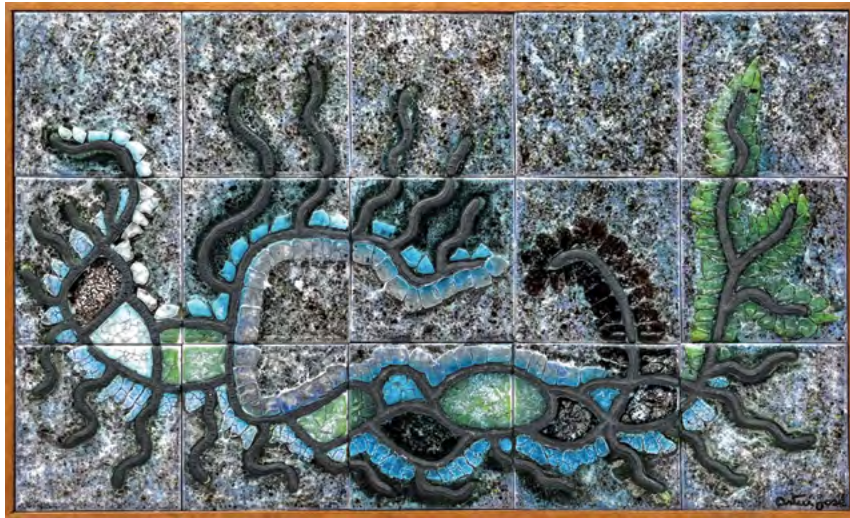
+351 914 024 825

info@objectismo.com

www.objectismo.com

IG @objectismo\_gallery

FB @objectismo



### PAINEL DE AZULEJOS, c. 1964

Artur José (1930–2016)

Assinado

Cerâmica

42 × 71 × 3 cm

### MESA, 1966

Manuela Madureira (1930–2022)

Escultura, assinada e datada

Grés modelado e policromado. Estrutura metálica.

Altura: 78,5 cm. Diâmetro: 82 cm

Desde a década de 60 até às suas últimas obras de 2019, Manuela Madureira desenvolveu um trabalho de grande qualidade plástica no campo da cerâmica, escultura, pintura, desenho e tapeçaria.

Durante o período dos anos 60 a artista usou com enorme eficácia o potencial da cerâmica, explorando frequentemente convenções estilísticas de movimentos como o surrealismo, o abstraccionismo e o brutalismo que a artista reúne nesta excepcional MESA, realizada em 1966. A qualidade da modelação, a temática decorativa e policromia, fazem desta escultura uma referência no conjunto da sua obra cerâmica, especialmente por ser uma das raras obras realizadas pela artista com intuito funcional.

Realizada para a sua casa, esta obra acompanhou a artista ao longo da sua dedicada vida a uma obra notável pela sua modernidade, inteligência e sensibilidade, um marco indiscutível para a história da escultura e cerâmica contemporânea portuguesa.



STAND 25

## ACHRONIMA

Fábio Anselmo Sousa

Lisboa

+351 917 348 345

versullivan@gmail.com

www.achronima.art



[esq] **REI D. LUÍS I (1838–1889)**

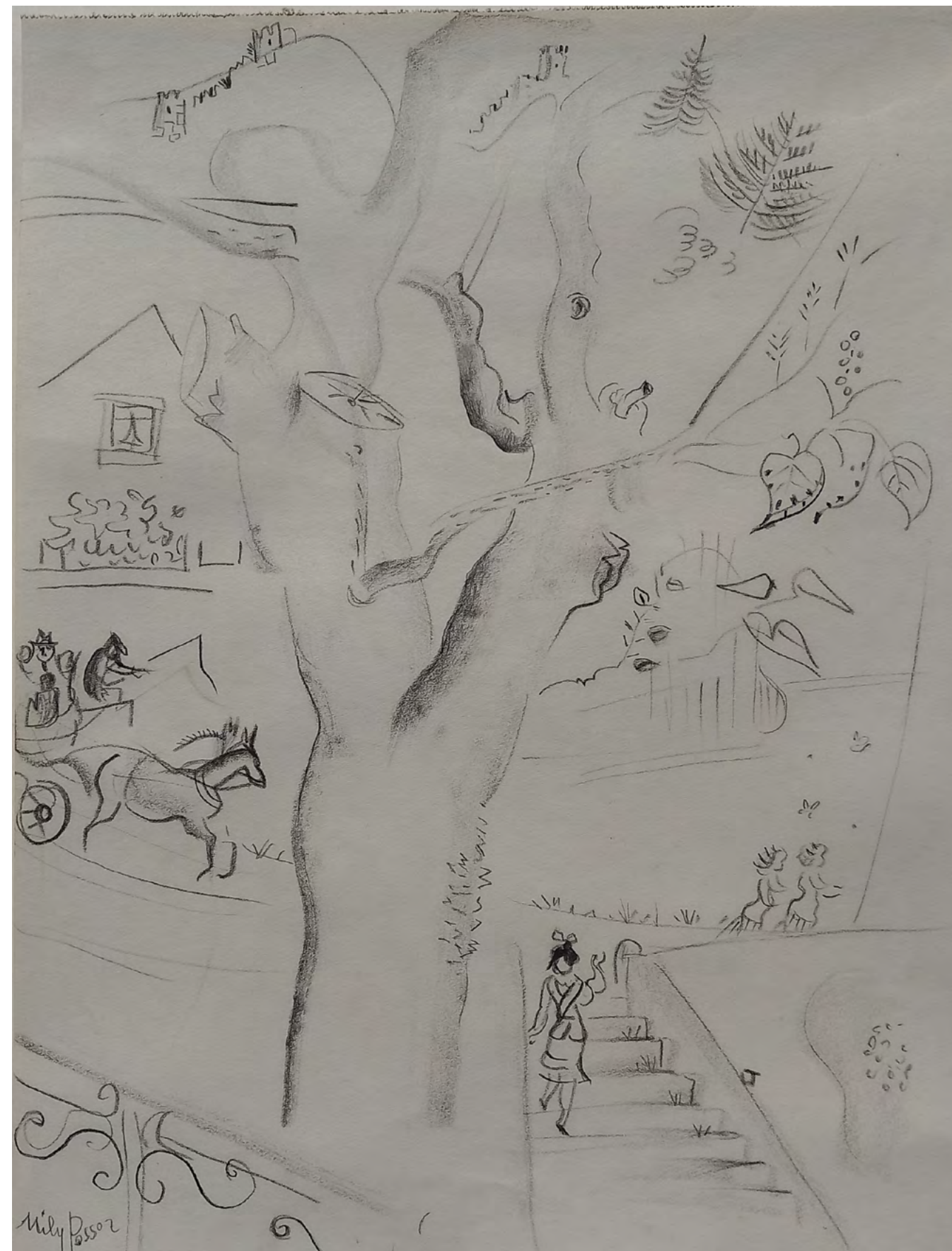
Paisagem, 1865  
Sépia sobre papel  
19,6 × 25,5 cm

Assinada com monograma do Rei e inscrita  
"Louis I Roy de Portugal, fecit pour l'artiste peintre  
Comba P. P. [Pierre-Paul Comba]. Turin, le 6 9bre 1865."

O Rei D. Luís I e a Rainha Dona Maria Pia realizaram viagem a Itália nesta data, para apresentar o seu filho e futuro Rei D. Carlos ao avô, Vítor Manuel II. Em resultado da viagem e visitas à galeria do Palácio Real de Turim, D. Luís I inicia aquisições de pintura em Itália e, no ano seguinte, a criação de uma galeria real portuguesa que abrirá ao público em 1869. (Cf. XAVIER, Hugo - Luís I, D., Rei de Portugal in FERREIRA, Emília et al (coord.), Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa, Lisboa: IHA/NOVA FSCH, 2019, p. 187-189). Esta rara obra permite conhecer o desenho de D. Luís I e é testemunho de contactos do Rei com o meio artístico de Turim, que provavelmente contribuíram para o importante começo, no Real Paço da Ajuda, das coleções públicas de arte em Portugal.

[drt] **MILY POSSOZ (1888–1968)**

Paisagem de Sintra  
Grafite sobre papel  
43,8 × 33,1 cm



STAND 26

## ARTE EM ACÇÃO

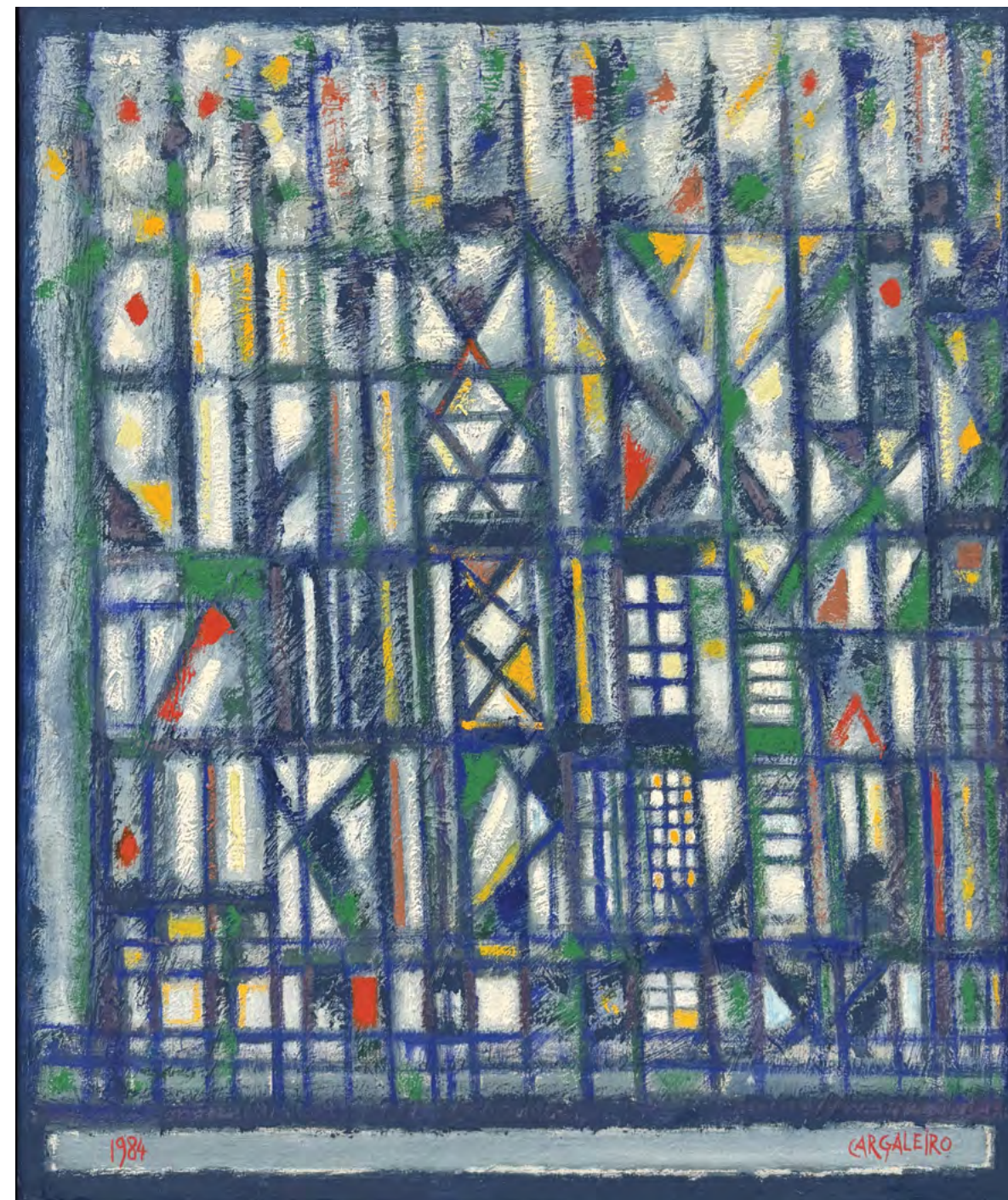
João Lopes

Rua Damião de Gois 184  
4050-222 Porto, Portugal  
+351 224 103 677 | 936 030 936  
geral@arteemaccao.com  
www.arteemaccao.com



[esq] MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA

S/ Título, 1967  
Têmpera Sobre Papel  
55 x 75 cm



[drt] MANUEL CARGALEIRO

GEOMETRIE D'UN PAYSAGE URBAN, 1984  
Óleo Sobre Tela  
65 x 54 cm

STAND 27

## ALEXANDRA MATIAS JEWELRY

Alexandra Matias

Rua Castilho 59B  
1250-068 Lisboa, Portugal

+351 967 825 432

amatias@alexandramatias.com

www.alexandramatias.com

IG | FB | PT | TT | YT @alexandramatiasjewelry



[esq] **ANEL EM OURO BRANCO COM DIAMANTE AMARELO INTENSO AO CENTRO LADEADO POR DOIS DIAMANTES**

Anel em ouro branco (18 kt) com diamante central amarelo intenso, com 2.07 ct, talhe cushion, acompanhado de relatório GIA, ladeado por dois diamantes talhe princesa, com cerca de 1 ct (total)

[drt] **CARTIER, PULSEIRAS LOVE**

Pulseiras Love, da Cartier, em ouro branco e ouro amarelo (18 kt)

[drt] **TIFFANY & CO., ANEL TIFFANY T EM OURO ROSA E DIAMANTES**

Anel Tiffany & Co., modelo Tiffany T em ouro rosa (18 kt) com pavé de diamantes a toda a volta

[drt] **BVLGARI, RELÓGIO SERPENTI TUBOGAS**

Relógio Serpenti Tubogas, da Bvlgari, em ouro rosa (18 kt) e aço, com caixa e documentos

[drt] **VAN CLEEF & ARPELS, COLAR VINTAGE ALHAMBRA, 10 MOTIVOS**

Colar Alhambra Vintage, 10 motivos, da Van Cleef & Arpels, em ouro amarelo (18 kt)



STAND 28

**TREMA**  
**ARTE CONTEMPORÂNEA**

Ana e Pedro Loureiro

Rua do Mirante 12  
1100-356 Lisboa, Portugal

+351 218 130 523

[galeria@trema-arte.pt](mailto:galeria@trema-arte.pt)

[www.trema-arte.pt](http://www.trema-arte.pt)

IG | FB @tremaarte



[esq] **LÚCIA DAVID**

**BUYBACK PROGRAM**

MDF, páginas de livro, fios amarelos e cola  
15 × 15 × 25cm, 2025

**HOLE**

MDF, páginas de livro, papel, green, fios verdes e cola  
15 × 15 × 25cm, 2025

[drt] **NACHO ZUBELZU**

**A ILHA DO TESOURO**

Papel recortado  
110 × 60 × 5cm, 2026



STAND 29

## **GALERIA PEDRO JAIME VASCONCELOS**

Pedro Jaime Vasconcelos

Calle Tropiezos Altos 34  
Aroche 21240 Huelva, España

+351 914 639 631

art@pedrojaimervasconcelos.es

www.pedrojaimervasconcelos.es



A Galeria Pedro Jaime Vasconcelos apresenta os artistas contemporaneos: Antonio Vidigal, Carlos Vasconcellos, Carlos Vidal, Francisco Soto Mesa, Stela Kaz, Teresa Lacerda, Severine Loisel e Tanya Fryer.

Duas tapeçarias MTP, de Maria Helena Vieira da Silva (1908–1992) e de Manuel Cargaleiro (1927–2024) e um raro quadro de 1974 de Hans Richter (1888–1976).

Algumas peças de arte tribal e objectos de design de interiores fazem-nos companhia e relembram viagens passadas.

### **QUADRO DE CARLOS VASCONCELLOS**

"Dream Baby, Dream", 2025

Acrilico sobre tela

200 × 150 cm

86



STAND 30

**D'OREY TILES**

Manuel Capucho

Rua da Misericórdia 10  
1200-273 Lisboa, Portugal

+351 213 430 232

geral@doreytiles.pt

www.doreytiles.pt

IG @doreytiles

FB @doreyazulejos



**FIGURA DE CONVITE RECORTADA**

Lisboa, séc. XVIII

Faiança a azul cobalto sobre branco

140 × 126 cm

Figura masculina concebida para silhar de escadaria durante o período barroco Joanino. A composição é ladeada por colunas de inspiração clássica com folhagens de acantos e apresenta forte teatralidade e função de acolhimento tanto pela postura como pelas mãos a indicarem o caminho. A figura corresponde tipologicamente a um criado de aparato — possivelmente lacaio ou porteiro — envergando indumentária cerimonial, composta por casaca ajustada, calções, meias e sapatos de fivela, complementados por peruca e chapéu tricórnio, em consonância com a etiqueta das casas nobres setecentistas.

ARRUDA, Luísa d'Orey Capucho. Azulejaria barroca portuguesa: figuras de convite. Lisboa: Inapa, 1993. ISBN 972-9019-57-6



STAND 31

**ANTÓNIO COSTA  
ANTIGUIDADES**

Sebastião Neves e Pedro Teixeira

Rua do Alecrim 76  
1200-018 Lisboa, Portugal  
+351 962 831 298 | 918 252 322  
a.c.antiguidades@gmail.com  
antoniocostaantiguidades.com



[esq] **PAR DE MESAS DE ENCOSTAR**

Nogueira entalhada, marmoreada e dourada  
Alentejo, Portugal. Meados do século XVII  
Restauros  
103 × 61 × 87 cm



[drt] **POTE COM TAMPA**

Porcelana branca decorada a azul sob o vidrado  
Representação de eruditos em cenas do quotidiano  
Tampa com cão de fô azul  
Período de transição (c.1620-1683)

STAND 32

## GALERIA SÃO MAMEDE

Francisco Pereira Coutinho

Rua da Escola Politécnica 167  
1250-101 Lisboa, Portugal

+351 213 973 255 | 934 057 647

galeria@saomamede.com

www.saomamede.com



[esq] MANUEL CARGALEIRO

Les Rues Blanches, 1983  
Óleo sobre tela  
73 x 100 cm

[drt] JORGE VIEIRA

Sem Título, 1970  
Escultura em terracota com engobes  
57 x 30 x 26 cm  
Exposição "Jorge Vieira", Galeria S. Mamede,  
Lisboa, Junho 1971, cat. n.º 40

92



STAND 33

**TOMÁS BRANQUINHO  
DA FONSECA  
ANTIQUES & ART GALLERY**

Tomás Branquinho da Fonseca

Rua de São Bento 396  
1200-822 Lisboa, Portugal

+351 914 718 400 (TBF) | 926 463 988 (FC) |  
916 979 976 (PBG)

info@tomasbranquinhodafonseca.com

www.tomasbranquinhodafonseca.com

IG | FB @tbf.gallery



**PAULA REGO (1935–2022)**

*A Ilha do Tesouro*, 1972

Tinta acrílica e papel colado sobre tela  
120 × 120 cm

94



STAND 34

**SÃO ROQUE,  
ANTIGUIDADES  
E GALERIA DE ARTE**

Mário Roque

Rua de São Bento 199B  
1250-219 Lisboa, Portugal

+351 962 363 260

geral@saoroquearte.pt

www.antiguidadessaoroque.com



**FAQUEIRO E ESTOJO D. JOÃO V**

Ouro, veludo, prata e fio de prata  
Portugal, Lisboa, ca. 1745-1750

Ourives: Manuel Roque Ferrão?

43,5 × 27,0 × 18,0 cm (estojo)

Prov.: Abade Cristóvão de Faria; Maria Ana Faria,  
por descendência; coleção particular, Portugal

Extraordinário faqueiro de mesa em ouro, que se conserva com o seu estojo original, revestido a veludo de seda carmesim — cor habitualmente reservada à monarquia. Destinado à mesa real, a sua notável sobrevivência constitui um poderoso testemunho do consumo ostensivo de objetos neste metal precioso na corte portuguesa. Segundo tradição familiar, terá sido oferecido pelo rei

D. João V (r. 1706-1750) a uma amante, hipótese que consideramos plausível. Conjuga a notável elegância do repertório barroco português, com a ornamentação da *Régence* francesa e os motivos *rocaille*, apontando para os derradeiros anos do reinado do Magnânimo, possivelmente da oficina de Manuel Roque Ferrão (fl. 1728-1785), um dos mais prolíficos ourives de Lisboa.



STAND 35

**OITOEMPONTO**  
**ART & ANTIQUES**

Artur Miranda  
Jacques Bec

Rua de Tânger 1378  
4150-721 Porto, Portugal  
+351 226 151 724

[oitoemponto@oitoemponto.com](mailto:oitoemponto@oitoemponto.com)

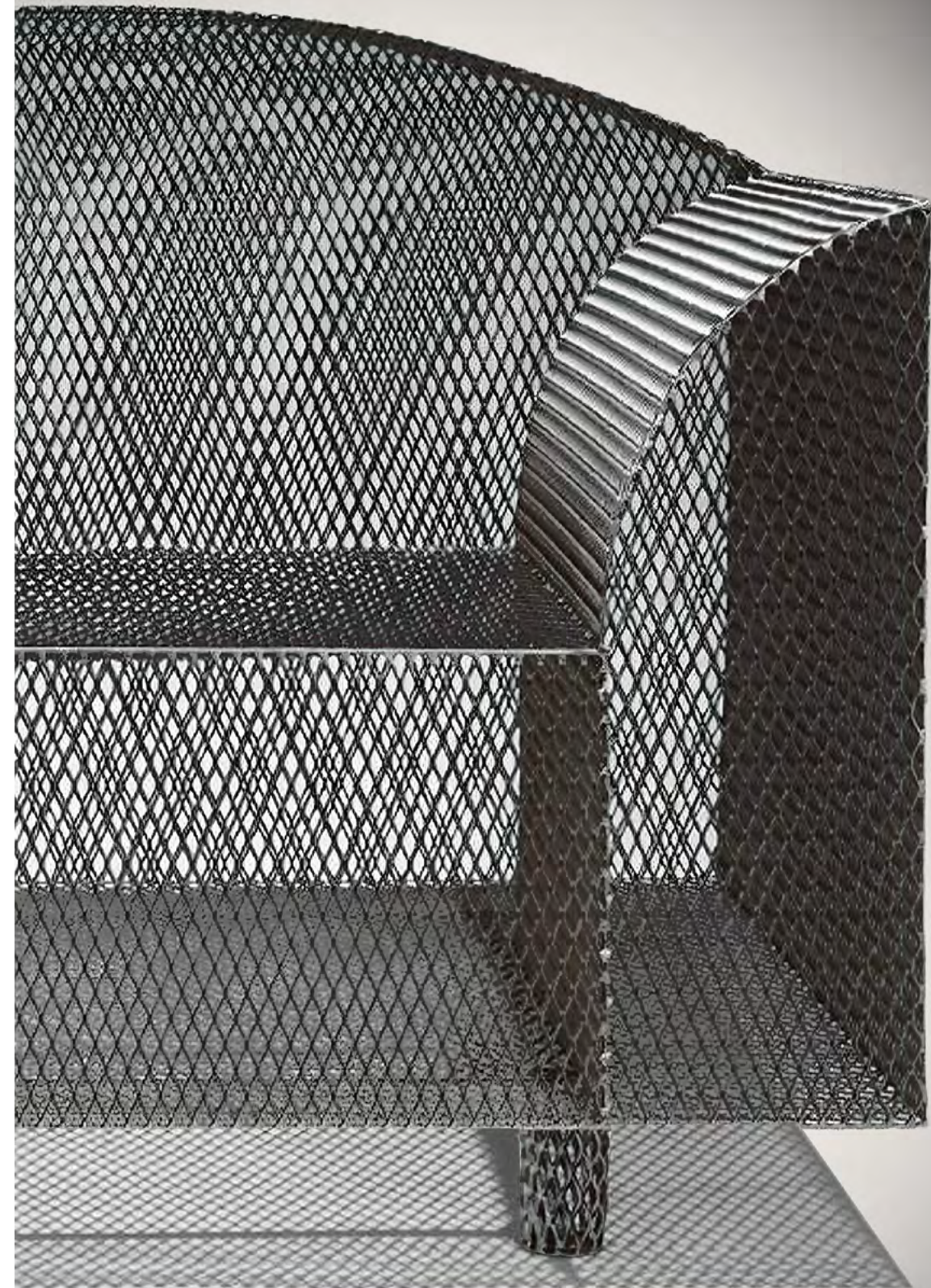
[www.oitoemponto.com](http://www.oitoemponto.com)

IG | FB | LI @oitoemponto



[esq] "SERIES 8600" — SIDE TABLE

by Hans Ullrich - Circa 1980  
Chrome, metal and enameled  
Origin - Germany  
D 45 × L 51 × A 46 cm  
D 17.7" × W 20.07" × H 18.11"



[drt] "HOW HIGH THE MOON" — EASY CHAIR, POLTRONA

by Shiro Kuramata - 1986  
For Vitra  
Expanded stainless steel mesh  
D 81 × L 94.5 × A 72 cm  
D 31.9" × W 37.2" × H 28.3"

STAND 36

**ROSIOR**

José Rosas

Avenida da Liberdade, 127  
1269-038 Lisboa, Portugal

+351 213 869 307

rosior@rosior.pt

www.rosior.pt

IG @rosiorjewels

FB @joiasrosior



Peça única que nasceu no nosso atelier no Porto, a partir de uma inspiração poética: um cisne que repousa a cabeça entre as suas próprias penas. Resultado de quase dois anos de conceção e aperfeiçoamento, esta criação singular demonstra o mais elevado nível de mestria artesanal. O exterior, inteiramente cravado em ouro branco, revela um deslumbrante mosaico de esmeraldas em talhe lágrima, distribuídas pelas pétalas que envolvem a cabeça do cisne. O pescoço é iluminado por diamantes naturais incolores em talhe navette, complementados por uma notável profusão de diamantes, esmeraldas, safiras e rubis, meticulosamente cravados para criar profundidade, textura e brilho excecionais. A parte inferior da pulseira é totalmente cinzelada à mão, apresentando delicados motivos de penas que evocam a suavidade da plumagem do cisne. O interior, executado em ouro amarelo, acrescenta um contraste caloroso e refinado a esta obra-prima.

**Pulseira em ouro 19,2k cravada com 2909 esmeraldas, diamantes, safiras e rubis, em diferentes talhes e tamanhos, com o peso total de 48,56 ct.**



STAND 37

## MIGUEL ARRUDA ANTIGUIDADES

Miguel Arruda

Rua de São Bento 450  
1250-220 Lisboa, Portugal  
+351 917 200 210  
arruda@arruda.pt  
www.arruda.pt



### [esq] POLTRONA "SEAGULL" E OTOMANA

GOSTA BERG & STENERIK ERIKSSON  
Fritz Hansen, Dinamarca, c. 1960

Este conjunto de poltrona e otomana (Modelo FH-9000) é um expoente do design escandinavo "mid-century". Projetada por Berg & Eriksson para a prestigiada Fritz Hansen, a peça destaca-se pela sua morfologia orgânica e ergonomia de vanguarda. Estruturalmente, assenta em bases giratórias cruciformes em aço cromado, demonstrando um domínio superior da engenharia de suportes. O corpo, com silhueta aerodinâmica em forma de asa, é estofado em pele preta de grão natural, apresentando uma pátina nobre que atesta a sua autenticidade. Um exemplar representativo da excelência da manufatura dinamarquesa.

90 x 97 x 100 cm (Poltrona); 40 x 57 x 50 cm (Otomana)

### [drt] PAR DE CASTIÇAIS DE ALTAR

América Hispânica  
Século XVII

Par de castiçais em madeira entalhada e revestida a prata. A base de formato circular, possui um fuste torneado que termina numa copa para vela. O seu acabamento detalhado revela uma técnica artesanal cuidada e característica do período colonial espanhol. Possivelmente proveniente da América Hispânica e datada do século XVII é um exemplar importante deste período pela raridade, beleza simples das formas e pelas suas dimensões. No que diz respeito ao estado de conservação podem observar-se falhas e defeitos tanto na prata como na madeira, os quais se justificam não só por ser uma peça recuada como pela sua função de iluminação de altares e espaços religiosos. As peças têm marca de prata não identificada na base da copa.  
54 cm (altura) x 23,5 cm (Ø base).



STAND 38

## MANUEL CASTILHO

Manuel Castilho

Por marcação (Lisboa) | by appointment (Lisbon)

+351 934 703 779

info@manuelcastilho.com

mcastilhoantiguidades@gmail.com

www.manuelcastilho.com

IG @manuelcastilhoantiguidades



[esq] **COFRE VENEZIANO**

Madeira Lacada e Cristal de Rocha

Século XVI/ XVII

24 × 28 × 21,5 cm

[drt] **VISHNU**

Pedra Calcária

Phnom Da, Período Pré-Angkor (séculos II-IX), século VII

Camboja

Altura: 65 cm

104





**CÁLICE EM CORNO DE RINOCERONTE**

Sul da China e Filipinas, ca. 1600–1630  
Corno de rinoceronte e filigrana de prata  
10,0 cm (altura)

Prov.: Coleção particular, Lisboa

Esta taça em corno de rinoceronte foi torneada no Sul da China e enriquecida com montagens em filigrana por artífices chineses nas Filipinas. Combina a forma hemisférica de tradição chinesa com elementos europeus, como o pé com nó e o bordo recortado, característicos dos cálices ocidentais.

O corno de rinoceronte era valorizado pelas suas alegadas propriedades mágicas e medicinais, tanto na China como no Ocidente. A taça poderá ter servido como cálice para a comunhão, unindo valor material, estatuto de luxo e simbolismo sobrenatural junto das populações filipinas recentemente cristianizadas.



**CIBÓRIO**

Portugal, Porto, ca. 1694  
Prata dourada  
43,0 cm (altura)

Prov.: D. Francisca Maria de Souza; D. Fernando II, Rei de Portugal; Infanta D. Antónia de Portugal; por descendência, família principesca europeia

Exp.: "Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Hespanhola", Lisboa 1882

Pub.: "Inventário [...] de D. Fernando II", Palácio da Pena 1866; Inv. orfanológico de D. Fernando II, Lisboa 1887; H. Xavier, "Propriedade Minha", 2021; C.T. Thompson, álbum fotográfico, 1866 (V&A, VA 58461)

Cibório em prata dourada, de invulgar qualidade e exuberância. A taça, fundida e cinzelada, apresenta três cartelas com a representação do Cordeiro Pascal, do Pelicano na sua Piedade e do Leão com o Rosto de Deus.

A inscrição no pé identifica a doadora, D. Francisca Maria de Souza, que exerceu funções de liderança no Mosteiro de São Bento de Avé Maria, no Porto, a partir de 1666, tendo sido oferecido "P<sup>a</sup> A CUMUNHAM DAS RELEGIOZAS".



**VIRGEM COM MENINO EM FAIANÇA PORTUGUESA**

Lisboa, 1630–1640

Faiança portuguesa

58,0 cm (altura)

Prov.: Coleção particular

Escultura devocional representando a Virgem Maria com o Menino Jesus como Salvador do Mundo. Produzida na primeira metade do século XVII, apresenta decoração policroma sobre fundo de esmalte branco de estanho. Embora a faiança figurativa fosse rara em Portugal neste

período, Lisboa produziu exemplares semelhantes, com paralelos na Igreja de N.ª Sra. Alegria, em Castelo de Vide e Igreja da Misericórdia de Óbidos. Os oleiros inspiraram-se na majólica italiana e na faiança flamenga e espanhola, encontrando-se o exemplo mais semelhante no MNSR (Inv. 315 CMP).



**TERRINA EM PORCELANA COM O BRASÃO  
CRUZ SOBRAL ALAGOA II**

China, período Qianlong, ca. 1775

Porcelana da Companhia das Índias

38,0 × 41,0 × 29,0 cm

Prov.: Coleção particular, Lisboa

De excepcional virtuosismo artístico e relevância histórica, esta terrina é representativa de uma tipologia conhecida como *pot à oille*, usada para servir sopas de carne e peixe. Segue o modelo de terrina de J. A. Meissonnier (1693–1750),

ilustrado no seu *Dixième Livre des œuvres*. O vocabulário ornamental, com a exuberância botânica e zoomórfica segue o conjunto referido como *La Machine d'Argent*, de F. Thomas Germain, assim como o *Livre des Légumes* do mesmo artista.



**PLACA DEVOCIONAL JESUÍTA DE TRAPANI**

Itália, Sicília, Trapani, 1.ª metade séc. XVII  
Cobre dourado, coral mediterrânico e esmalte branco  
49,5 × 35,0 × 4,4 cm (placa); 61,5 × 45,0 × 6,0 cm (estojo)

Prov.: Família Alte Espargosa; Dr. Calos Ferreira; J. Horta Correia, Portugal

Extraordinária placa devocional, um excelente exemplo das obras de arte em coral de Trapani do século XVII, preservada no seu estojo original. No centro, destaca-se a Virgem Maria coroada, rodeada por querubins alados, com Deus Pai, em atitude de bênção.

A moldura exterior é ricamente adornada com composição rendilhada vazada, em cobre dourado e esmalte branco, querubins de coral e rosetas. O reverso apresenta um relevo em cobre dourado representando o *Menino Jesus Salvador do Mundo* com o monograma IHS.



**TAÇA DE BEBER (SALVA) INDO-PORTUGUESA**

Índia, Guzarate, ca. 1550–1600  
Madrepérola, latão e prata  
Ø 29,0 cm

Prov.: Coleção de Ian Irving, Nova Iorque

Salva em madrepérola produzida na 2ª metade de Quinhentos, em Guzarate, na costa ocidental indiana, para o mercado português, tendo recebido na Europa um rebordo em prata. A sua forma deriva do *hanap* europeu medieval e, mais remotamente, do *phiale* da Antiguidade, taça de libação

suportada por uma mão. Nas mesas portuguesas, estas taças serviam para provar o vinho e garantir que não fora envenenado, sendo depois exibidas. A decoração apresenta flores-de-lótus estilizadas e pétalas polilobadas concêntricas. Conhece-se apenas um outro exemplar, numa coleção portuguesa.



**VENTÔ NAMBAN COM CENAS DO CONTO DE GENJI**

Japão, finais séc. XVI – inícios séc. XVII  
 Cipreste japonês, laca *urushi*, madrepérola,  
 e pó de ouro e prata; cobre dourado  
 33,0 × 28,5 × 44,0 cm

Prov.: Coleção particular, Portugal

Este ventô distingue-se da produção corrente de exportação pela qualidade excepcional da sua decoração em *maki-e* e embutidos de madrepérola. A iconografia, de maior distinção, revela cenas do Conto de Genji, o mais antigo romance da literatura mundial, do século XI, nomeadamente a carruagem de Genji que evoca um episódio de rivalidade amorosa, e o jardim de glicínias que alude a uma cena de reconciliação. Esta iconografia, rara na laca de exportação, sugere uma encomenda especial para um cliente exigente, tornando-o um testemunho singular do diálogo entre o Japão e os mercadores portugueses.



**ESCRITÓRIO INDO-PORTUGUÊS  
 COM CENA DA CRUCIFICAÇÃO**

Índia, Guzarate, ca. 1590–1620  
 Teca pintada a goma-laca e ouro; ferragens de liga de cobre  
 19,0 × 31,5 × 21,0 cm

Prov.: Coleção particular, Portugal

Escritório decorado a goma-laca e ouro, produzido em Guzarate, possivelmente para a corte mogol. As faces apresentam decoração de grande riqueza iconográfica: cenas de jardim e de caça com figuras em traje mogol, ascetas hindus em torno de uma árvore, figuras principescas persas e, no tardo, uma surpreendente Crucifixão, com portugueses e goesas. Este ecumenismo reflete o cosmopolitismo das cortes de Akbar e Jahangir, tornando improvável uma encomenda portuguesa, atendendo à coexistência da cena religiosa Hindu. O escritório integra um raro grupo de peças semelhantes, com paralelos no Ashmolean M. de Oxford e no V&A de Londres.





**TABULEIRO DE JOGOS INDO-PORTUGUÊS**

Índia, provavelmente Thatta, ca. 1580–1620  
 Teca, ébano, sândalo, marfim e sadeli; ferragens de latão  
 4,0 × 47,0 × 53,0 cm (aberto)

Prov.: Coleção particular

Este tabuleiro de jogos, modelado a partir de um protótipo afim dos tabuleiros em *taracea* espanhola, destina-se a quatro jogos distintos. Entre os objetos mais raros e fascinantes produzidos na Índia para os mercados europeus no período moderno, os tabuleiros

de jogo exemplificam a confluência artística em curso no subcontinente. A ligar Oriente e Ocidente, o xadrez e os seus tabuleiros foram uns dos primeiros elementos com que os europeus se depararam no séc. XVI.



**BANCA DE ESCRITA INDO-PORTUGUESA**

Província do Norte do Estado Português da Índia, ca. 1560–1620  
 Teca, ébano, pau-rosa, sândalo, marfim e osso tingido; ferragens de latão e cobre dourado  
 50,7 × 65,2 × 46,0 cm

Prov.: Coleção particular, Portugal

Excepcional banca de escrita, provavelmente produzida em Taná, nas proximidades de Bombaim, notável exemplar de mobiliário elaborado nesta cidade sob domínio português. Estas preciosas bancas eram produzidas com materiais exóticos e dispendiosos, muito admiradas na Europa, não apenas pela ornamentação, mas também pela perfeição técnica. Registos de Quinhentos mencionam Taná (onde floresceu uma comunidade de artesãos muçulmanos) como centro de produção deste valioso mobiliário.



# FEIRA de OUTONO

APA — Arte & Antiquidades

**11 — 15 NOVEMBRO 2026**

Sociedade Nacional de Belas Artes  
R. Barata Salgueiro 36, 1250-044 Lisboa



Associação Portuguesa de Antiquários  
[www.apa.pt](http://www.apa.pt)



## *Notas biográficas*

### **JOANA SOUSA MONTEIRO**

Mestre em museologia. É diretora do Museu de Lisboa desde 2015, um museu polinucleado, tutelado pela CML e gerido pela EGEAC. É responsável pela reconceptualização do museu, reprogramação da sua estrutura, missão e plano de exposições.

Foi assessora da Vereação da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa para a área dos museus e do património (2010–2015). Foi Coordenadora-adjunta da Rede Portuguesa de Museus no Instituto Português de Museus (2000 a 2010) onde desenvolveu a implementação do sistema de credenciação de museus, de programas de apoio financeiro e técnico a museus e a organização de programas de formação contínua. Anteriormente foi técnica do Instituto de Arte Contemporânea e colaboradora do Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado.

É licenciada em História, variante História da Arte (FCSH NOVA), pós-graduada em Museologia (Universidade Lusófona), e pós-graduada em Gestão e Empreendedorismo Cultural e Criativo (ISCTE-INDEG). Foi docente na área da gestão de museus, nomeadamente no Mestrado de Museologia FCSH, Nova (2013–2023). É autora de diversos artigos na área da museologia.

Tem desempenhado diversos cargos no Conselho Internacional de Museus (ICOM): foi membro da direção da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM Portugal (2014–2016); Presidente do Comité Internacional de Museus de Cidade — CAMOC (de 2016 a 2022); Copresidente do Grupo de Trabalho para o Planeamento Estratégico (2023–2025) e foi eleita em novembro de 2025 membro ordinário do Conselho Executivo do ICOM.

### **ADELAIDE DUARTE**

Historiadora de arte, curadora no Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado, Museus e Monumentos de Portugal, e investigadora no Instituto de História da Arte da FCSH, Universidade NOVA. Trustee/Board Member da TIAMSA\_The International Art Market Studies Association e coordenadora do subcommittee Art Market and Collecting: Portugal, Spain, and Brazil. Doutora em Museologia e Património Cultural pela Universidade de Coimbra, entre as publicações recentes destacam-se a coordenação do livro

Coleção de Arte Contemporânea Fundação MEO (2025), a edição do livro *The Art Market and the Global South* (Brill, 2023) e a coordenação dos *Diálogos de colecionar* (Veritas Publishers, 2022).

### ANTÓNIO FILIPE PIMENTEL

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é licenciado em História — variante de História da Arte (1985), mestre em História Cultural e Política da Época Moderna (1991), pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e doutor em História, especialidade de História da Arte, pela Universidade de Coimbra (2003).

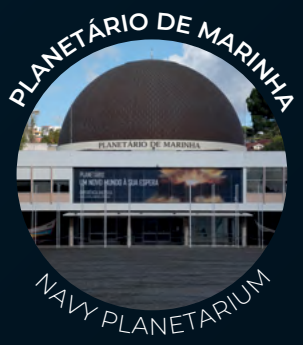
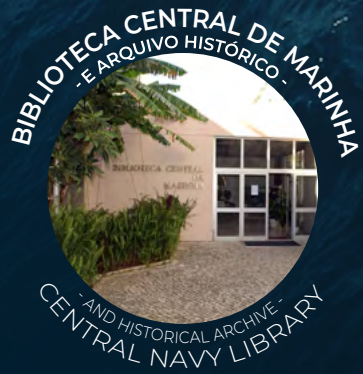
Em 2009–2010 dirigiu o Museu Grão Vasco, em Viseu e, entre 2010 e 2019, assumiu as funções de Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), a que corresponderam igualmente as de Subdiretor-Geral do Património Cultural. Foi coordenador científico da Candidatura da Universidade de Coimbra a Património da Humanidade UNESCO. Entre 2021 e 2026 ocupou ainda o cargo de Diretor do Museu Calouste Gulbenkian. Presentemente continua a prestar serviço na respetiva Fundação, nas funções de Consultor.

Galardoado com o Prémio Gulbenkian de História da Arte 1992/94, pela obra *Arquitectura e Poder, o Real Edifício de Mafra* (2ª ed. Livros Horizonte, Lisboa, 2002), é académico correspondente nacional da Academia Nacional de Belas Artes, académico correspondente da Academia da Marinha e membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Colabora regularmente com instituições científicas nacionais e internacionais e conta com mais de três centenas de títulos publicados, em Portugal e no estrangeiro.

Enquanto historiador, o seu trabalho incide particularmente sobre o período barroco (arquitetura, pintura, escultura e artes decorativas), bem como sobre o património da Universidade de Coimbra, ao qual dedicaria, entre outros títulos, a obra *A Morada da Sabedoria. I. O Paço Real de Coimbra: das origens ao estabelecimento da universidade* (Almedina, Coimbra, 2005), ou ainda sobre a Coleção Gulbenkian, a respeito da qual publicaria *Director's Choice. Museu Calouste Gulbenkian* (Scala, Londres, 2023).

### BÁRBARA COUTINHO

Doutorada em Arquitetura (IST-UL, 2019) com a tese *A Exposição de Arte e Design como 'Obra de Arte Total' — O Museu do século XXI, lugar para uma vivência estética global*, publicada, em 2023, pela editora Caleidoscópio em parceria com a Direção-Geral do Património Cultural (Coleção Estudos de Museus). Licenciada em História da Arte (FCSH-UNL, 1993), com pós-graduação em Didática de História da Arte (FCSH-UNL, 1995) e Mestrado em História da Arte Contemporânea (FCSH-UNL, 2002) com a tese *Carlos Ramos (1897–1969). Obra, pensamento e ação — A busca de um compromisso entre a Modernidade e a Tradição*. Diretora-fundadora e programadora do MUDE — Museu do Design desde 2006, é autora do programa museológico e coautora do conceito arquitetónico da requalificação integral do edifício do museu. Professora auxiliar convidada (2006–2021) e professora associada convidada (desde 2021) no Instituto Superior Técnico, e investigadora do CITUA — Centro de Inovação em território, Urbanismo e Arquitetura (IST-UL). Co-chair do Docomomo International Specialist Committee/Interior Design, membro do Conselho Consultivo da BID — Bienal Iberoamericana de Diseño (2016–2023) e membro fundadora da Associação Iberoamericana Diseña (2023) e do Docomomo Portugal (2023). Desenvolve o seu trabalho nas áreas da Museologia, Arquitetura, Design, Curadoria e Educação, tendo um particular interesse pela história da cultura material e da teoria e prática do design em Portugal. Entre as exposições que comissariou, destaque para *Como se pronuncia design em português?, Portugal Pop. A moda em português. 1970–2020* e, em coautoria com Adélia Borges, *Tanto Mar. Fluxos transatlânticos entre Portugal e Brasil*.



VISITE-NOS!  
VISIT US!

# CULTURA MAR

PORTUGAL, UM LEGADO MARÍTIMO  
PORTUGAL, A MARITIME LEGACY

[ccm.marinha.pt](http://ccm.marinha.pt) [comissaoculturaldemarinha](https://www.facebook.com/comissaoculturaldemarinha)

MARINHA

# BIBLIOTECA CENTRAL DE MARINHA PORTUGAL, UM LEGADO MARÍTIMO



MARINHA

# AQUÁRIO VASCO DA GAMA

PORTUGAL, UM LEGADO MARÍTIMO



MARINHA

# MUSEU DE MARINHA

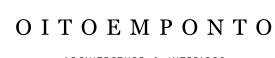
PORTUGAL, UM LEGADO MARÍTIMO



Com o Alto Patrocínio  
de Sua Excelência  
Under the High Patronage of the  
President of the Portuguese Republic



O Presidente da República



## FICHA TÉCNICA

### CORDOARIA NACIONAL

LAYOUT EXPOSITIVO / CENOGRAFIA

**OITOEMPONTO**

CONSTRUÇÃO TÉCNICA

**Miguel Henriques Produções**

### SERVIÇOS DE APOIO

DESIGN

**Francisca José**

COMUNICAÇÃO

**O Apartamento**

PUBLICIDADE EXTERIOR

**Brands Go — Produção, Marketing e Comunicação**

**LITZ Audiovisuais**

FOTOGRAFIA

**Assunção Castelo Branco Fotografia**

SOM

**Musissom II — Eventos**

SEGURANÇA

**Strong Charon**

RESTAURANTE

**TAZTE — Secret Moments With a Twist**

### ORGANIZAÇÃO

Associação Portuguesa de Antiquários

Rua do Alecrim 47, 4°C, 1200-014 Lisboa

+351 213 474 571

[www.apa.pt](http://www.apa.pt) | [apa@apa.pt](mailto:apa@apa.pt)

### CATÁLOGO

PROJETO GRÁFICO E PAGINAÇÃO

**Francisca José**

FOTOGRAFIAS

**André Boto (pp. 82 e 83)**

**Atelier Joana Vasconcelos (p. 59)**

**Galeria Ultramar (p. 58)**

**João Krull (pp. 44 a 49, 94 a 97 e 106 a 115)**

**João Silveira Ramos (pp. 62 e 63)**

**Maria João de Melo e António Bajanca (pp. 86 e 87)**

**Ricardo Junqueira (pp. 66 e 67)**

**Trema Arte Contemporânea (pp. 84 e 85)**

**Vasco Cunha Monteiro (pp. 104 e 105)**

FOTOGRAFIAS AFONSO MOREIRA PIRES

**Pp. 4, 10, 12, 16, 18, 26, 116 e 118**

IMPRESSÃO

**Locape, Ida.**

TIRAGEM

**2 500 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL

**n.º 564299/26**

# STRONG CHARON

## ALARMES

ALVARÁ Nº41 A), B) E C)

NA ARTE DE PRESERVAR,  
A SEGURANÇA É ESSENCIAL.

**OFERTA**

primeira mensalidade  
+  
instalação\*



Kit Alarme  
por apenas  
**34,99€\***

### INCLUI

- Painel de controlo
- 2 detetores de movimento com câmara
- Sirene interior
- Sirene exterior
- 2 comandos com botão de pânico
- Placa dissuasora
- Sensor magnético para porta/janela
- App + Ligação 24x7 ao Centro de Controlo Operacional

AGENDE JÁ A SUA INSTALAÇÃO

 (+351) 210 420 800  alarmes@strongcharon.pt

\*Campanha promocional especial para leitores válida até 15 de junho de 2026.

\*Instalação gratuita no raio de 50km Lisboa, Porto, Funchal e Bolíqueime.

\*Ao valor apresentado acresce o IVA à taxa legal em vigor. \*Fidelização 36 meses.

*Servimos tranquilidade.*

strongcharon.pt